

UNIVERSIDADE POLITÉCNICA

Campus Quelimane

Psicologia Clínica e de Aconselhamento

**Impacto da Ausência Parental no Desenvolvimento Psicossocial de  
Adolescentes de 12 a 19 anos de Idade no 4º Trimestre e 1º  
Semestre de 2025, na cidade de Quelimane, Zambézia**

Yasmin Abdul Latif Katchi

Quelimane

2025

Yasmin Abdul Latif Katchi

**Impacto da Ausência Parental no Desenvolvimento Psicossocial de  
Adolescentes de 12 a 19 anos de Idade no 4º Trimestre e 1º  
Semestre de 2025, na cidade de Quelimane, Zambézia**

Monografia apresentada à Universidade  
Politécnica, Campus Quelimane, para a  
obtenção do Grau de Licenciatura em  
Psicologia Clínica e de Aconselhamento.

**Tutora:** Lic. Gina José Ibraimo

Quelimane

2025

Dedico este trabalho, com amor e gratidão, à minha mãe, Carolina Paulo, pelo seu incansável apoio, força e dedicação em todos os momentos da minha vida. Esta conquista é também sua.

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço a Deus pela vida e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso. Aos meus pais especialmente a minha mãe Carolina Paulo por me ajudar e incentivar todos os dias a prosseguir com a faculdade e em nenhum momento pensar em desistir dela.

Às minhas irmãs, Assira, Assima e Razia, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava a realização deste trabalho e desta feita a minha família, amigos em geral o meu muito obrigado.

Aos professores do Campus Quelimane, pela dedicação, pelos ensinamentos transmitidos e pelas valiosas correções que contribuíram significativamente para o meu crescimento académico. Um agradecimento especial à minha tutora, Gina José Ibraimo, pelo acompanhamento, orientação e disponibilidade ao longo da elaboração deste trabalho, que tanto contribuíram para o meu melhor desempenho no processo de formação profissional.

## Parecer do Supervisor

À Direcção Científica do Campus Quelimane

Eu, **Gina José Ibraimo**, supervisora da estudante **Yasmin Abdul Latif**, finalista do 4.º ano do curso de Licenciatura em Psicologia Clínica e de Aconselhamento Campus Quelimane, confirmo que o presente Trabalho de Fim de Curso, subordinado ao tema: **Impacto da Ausência Parental no Desenvolvimento Psicossocial de Adolescentes de 12 a 19 anos de Idade no 4º Trimestre e 1º Semestre de 2025, na cidade de Quelimane, Zambézia**, reúne os requisitos mínimos exigidos, obedecendo às normas de estruturação e elaboração de trabalhos científicos, estando, por isso, apto para apresentação e discussão em ambiente académico. Assim, aprovo e recomendo que este Trabalho de Fim de Curso seja submetido à Direcção Científica do Campus Quelimane, para efeitos de obtenção do grau de Licenciatura em Psicologia Clínica e de Aconselhamento.

Sem mais de momento, apresento cordiais saudações.

Quelimane, aos 30 de Novembro de 2025

Gina José Ibraimo  
/Gina José Ibraimo/

## Resumo

O presente estudo abordou o Impacto da Ausência Parental no Desenvolvimento Psicossocial de Adolescentes de 12 a 19 anos de Idade no 4º Trimestre e 1º Semestre de 2025, na cidade de Quelimane, Zambézia. Teve como objectivo principal analisar os efeitos dessa ausência no Desenvolvimento Psicossocial dos Adolescentes, delineando como objectivos específicos: identificar os principais desafios enfrentados, descrever as estratégias de superação utilizadas e examinar o papel do suporte familiar e comunitário na mitigação desses efeitos. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, de natureza básica, utilizando o método de estudo de caso. A recolha de dados decorreu entre 2 de Abril e 5 de Maio de 2025, por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com 13 participantes: 10 adolescentes, 1 secretário do bairro e 2 mães. Os dados foram tratados com base na técnica de análise de conteúdo. Os resultados indicaram que a ausência paterna desencadeia sentimentos como tristeza, abandono, solidão, revolta, vazio emocional e baixa autoestima, afectando o ajustamento psicossocial dos adolescentes. Apesar dessas dificuldades, os adolescentes demonstraram capacidade de resiliência, utilizando estratégias de enfrentamento como o autocuidado, a negação, a tentativa de reaproximação e a resignificação da ausência. Verificou-se também que a presença de redes de suporte, constituídas por membros da família alargada e pela comunidade, desempenha um papel crucial na promoção da estabilidade emocional e no desenvolvimento de competências sociais. Conclui-se que, embora a ausência do pai seja um factor de risco psicossocial, a existência de figuras substitutivas permite aos adolescentes construir trajectórias de vida relativamente saudáveis.

**Palavras-chave:** Ausência paterna; Desenvolvimento psicossocial; Adolescência; Bairro Floresta A.

## **Abstract**

The present study addressed the impact of parental absence on the psychosocial development of adolescents aged 12 to 19 during the 4th quarter and 1st semester of 2025 in the city of Quelimane, Zambézia. Its main objective was to analyse the effects of this absence on adolescents' psychosocial development, with specific objectives to identify the main challenges faced, describe the coping strategies employed, and examine the role of family and community support in mitigating these effects. The research followed a qualitative approach of a basic nature, using the case study method. Data were collected between April 2 and May 5, 2025, through semi-structured interviews conducted with 13 participants: 10 adolescents, 1 neighbourhood secretary, and 2 mothers. The data were analysed using content analysis techniques. The results indicated that paternal absence triggers feelings such as sadness, abandonment, loneliness, anger, emotional emptiness, and low self-esteem, affecting adolescents' psychosocial adjustment. Despite these difficulties, the adolescents demonstrated resilience, employing coping strategies such as self-care, denial, attempts at reconciliation, and reinterpreting the absence. It was also found that the presence of support networks, consisting of extended family members and the community, plays a crucial role in promoting emotional stability and the development of social skills. In conclusion, although the absence of the father represents a psychosocial risk factor, the existence of substitute figures enables adolescents to build relatively healthy life trajectories.

**Keywords:** Paternal absence; Psychosocial development; Adolescence; Bairro Floresta A.

## Sumário

<b>CAPÍTULO I</b> .....	10
1. Introdução.....	10
<b>CAPÍTULO II</b> .....	14
2. Revisão da Literatura .....	14
2.1. Marco Conceptual .....	14
2.1.1. Adolescência .....	14
2.1.2. Paternidade .....	15
2.1.3. Ausência paterna.....	15
2.2. Desenvolvimento Circunstancial.....	16
2.2.1. A ausência paterna como fenômeno social .....	16
2.2.2. Ausência paterna no desenvolvimento psicossocial do adolescente.....	17
2.2.3. Principais causas da ausência paterna .....	18
2.2.4. Consequências da ausência paterna no desenvolvimento psicossocial do adolescente.....	20
2.2.5. Implicações para a dinâmica familiar e comunitária.....	22
2.3. Marco Teórico .....	24
2.3.1. Teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson .....	24
2.3.2. Teoria da vinculação de John Bowlby .....	25
2.3.3. Teorias da parentalidade e da função paterna .....	25
2.3.4. Teorias da estrutura familiar .....	25
2.3.5. Análise crítica e posicionamento da autora.....	26
2.4. Marco Referencial .....	27
<b>CAPÍTULO III</b> .....	29
3. Metodologia .....	29
3.1. Tipos de Pesquisa .....	29

3.1.1. Quanto aos objectivos .....	29
3.1.2. Quanto à abordagem.....	29
3.1.3. Quanto à natureza.....	29
3.1.4. Quanto aos procedimentos metodológicos.....	30
3.2. População e Amostra.....	30
3.3. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados .....	31
3.5. Procedimentos Administrativos .....	33
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	<b>34</b>
4. Resultados.....	34
4.1. Resultados da Entrevista com os Adolescentes.....	34
4.1.1. Perfil Sociodemográfica .....	34
4.1.2. Efeitos psicossociais da ausência paterna.....	34
4.1.3. Estratégias de enfrentamento dos adolescentes.....	37
4.1.4. Papel do ambiente familiar e comunitário.....	39
4.2. Resultado da Entrevista com a Secretária do Bairro .....	40
4.3. Resultado da Entrevista com as Mães .....	41
<b>CAPÍTULO V</b> .....	<b>43</b>
5. Discussão.....	43
5.1. Perfil sociodemográfico .....	43
5.2. Efeitos Psicossociais da Ausência Paterna.....	43
5.3. Estratégias de Enfrentamento dos Adolescentes .....	45
5.4. Papel do Ambiente Familiar e Comunitário.....	47
<b>CAPÍTULO VI</b> .....	<b>50</b>
6. Conclusão.....	50
6.1. Conclusões.....	50
6.2. Sugestões.....	51

Referências Bibliográficas .....	53
Apêndices.....	57
Anexos.....	61
Glossário.....	62

## **Listas de siglas/abreviaturas**

OMS	Organização Mundial da Saúde
RAP	Rhythm and Poetry
SDSMAS	Serviço Distrital de Saúde, Mulher e Acção Social
UNICEF	United Nations International Children's Emergency Fund

# CAPÍTULO I

## 1. Introdução

Esta monografia, intitulada Impacto da Ausência Parental no Desenvolvimento Psicossocial de Adolescentes de 12 a 19 anos de idade no 4º Trimestre e 1º Semestre de 2025, na cidade de Quelimane, Zambézia, aborda uma questão cada vez mais prevalente nas famílias modernas: a ausência paternal.

A ausência paternal tornou-se uma realidade cada vez mais presente nas famílias modernas, impactando profundamente o desenvolvimento dos adolescentes. Este fenómeno reflecte mudanças nos modelos familiares, frequentemente associados a factores como separações, migrações laborais ou falecimentos, e apresenta desafios significativos em contextos socioeconómicos adversos. Durante a adolescência, uma fase crítica à formação da identidade e ao amadurecimento emocional, a falta da figura paternal pode agravar as dificuldades já existentes, influenciando o bem-estar dos jovens.

No actual cenário socioeconómico, a ausência paternal agrava as limitações enfrentadas pelas famílias, como acesso insuficiente a recursos, pressão financeira e vulnerabilidade social. Este contexto aumenta os riscos para os adolescentes, que podem apresentar problemas emocionais, dificuldades escolares, comportamentos desajustados e desafios nas relações interpessoais. A ausência do pai não afecta apenas o jovem directamente, mas também sobrecarrega outros membros da família, principalmente as mães, que assumem sozinhas a responsabilidade pela educação e sustento dos filhos.

O papel do pai é reconhecidamente essencial para o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. Ele contribui para a construção da autoestima, o desenvolvimento de competências sociais, a regulação emocional e oferece suporte fundamental para a estabilidade familiar. Sem essa presença, os adolescentes enfrentam maiores dificuldades em superar desafios e estabelecer bases sólidas para o futuro.

No Bairro Floresta A, na Cidade de Quelimane, a ausência paterna tem-se tornado um fenómeno recorrente, reflectindo uma realidade social mais ampla que afecta diversas famílias em Moçambique. Este fenómeno é impulsionado vários por factores, entre os quais se destaca a migração de pais para outras regiões ou países em busca de melhores oportunidades de trabalho. Muitas vezes, essa migração, motivada por condições económicas adversárias, resulta

na ausência física do pai nos lares, gerando uma lacuna significativa no apoio emocional e social necessário ao desenvolvimento dos adolescentes.

O aumento das taxas de divórcio e separação conjugal tem exacerbado este problema, deixando muitos adolescentes sem a presença contínua de uma figura paternal. No Bairro Floresta A, onde a comunidade enfrenta desafios económicos e sociais constantes, a ausência do pai pode agravar ainda mais as dificuldades que os jovens já enfrentam no seu processo de crescimento.

As tendências observadas indicam que a ausência paternal pode estar associada a diversos problemas tais como o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes.

Estudos mostram que adolescentes sem a presença activa do pai tendem a apresentar maiores índices de problemas comportamentais, dificuldades na formação da identidade e desafios na integração social. Além disso, a falta de um modelo masculino pode contribuir para comportamentos de risco, incluindo delinquência e envolvimento em actividades violentas.

No Bairro Floresta A, estas tendências parecem estar presentes, com relatos de aumento de problemas comportamentais e de saúde mental entre os adolescentes. A instabilidade económica e a falta de apoio familiar também agravam estas condições, sugerindo uma necessidade urgente de intervenção e apoio para esses jovens.

Com base no extrato acima levantou-se a seguinte questão: *Qual é o impacto da ausência paternal no desenvolvimento psicossocial de adolescentes de 12 à 19 anos no Bairro Floresta A, na Cidade de Quelimane?*

Diante desta problemática, tornou-se pertinente formular perguntas de partida que orientem a investigação no sentido de compreender as implicações reais da ausência paterna na vivência dos adolescentes desta comunidade:

Quais são os principais desafios psicossociais enfrentados pelos adolescentes do Bairro floresta A devido à ausência paternal?

Quais são as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos adolescentes diante da ausência do pai?

Qual é o papel do suporte familiar e comunitário na mitigação do impacto da ausência paternal no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes?

Para responder as questões de partida, definiu-se como objectivo geral analisar o impacto da ausência paterna no desenvolvimento psicossocial de adolescentes de 12 a 19 anos no Bairro Floresta A, na Cidade de Quelimane. Para o alcance deste objectivo, estabeleceram-se os seguintes objectivos específicos: Identificar os principais desafios psicossociais enfrentados pelos adolescentes do Bairro Floresta A devido à ausência paterna; Descrever as estratégias de superação utilizadas pelos adolescentes diante da ausência do pai; Examinar o papel do suporte familiar e comunitário na mitigação do impacto da ausência paterna no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes.

O estudo justifica-se pela experiência pessoal da autora de ter crescido num bairro onde a ausência paterna constituía uma realidade comum em muitas famílias. Desde cedo, testemunhou os desafios enfrentados por adolescentes que, sem a presença de uma figura paterna, tiveram que lidar com as complexidades do crescimento, muitas vezes sem o apoio emocional e social que um pai pode proporcionar.

Além da experiência pessoal, a relevância do tema também se justifica pela crescente consciência de que as famílias estão em processo de mudanças rápidas. Actualmente, torna-se evidente que muitos casamentos terminam em divórcio, separações ou outros problemas que resultam na ausência dos pais, particularmente do pai, no seio familiar. Esta é uma realidade cada vez mais notória tanto no nosso território como a nível global. No entanto, apesar da sua prevalência, há uma lacuna significativa no meio académico quanto ao estudo dessas mudanças e dos seus impactos no desenvolvimento dos adolescentes.

É neste contexto que considera-se esta pesquisa de extrema importância, pois aborda um problema social que, embora seja vivido no dia-a-dia, ainda é pouco compreendido na esfera académica. Ao explorar o impacto da ausência paterna nos adolescentes do Bairro Floresta A, espera-se não só ampliar o entendimento académico sobre o tema, mas também contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a importância da participação activa do pai na vida social e emocional dos filhos. O objectivo é sublinhar as possíveis consequências dessa ausência, particularmente no que se refere à formação da identidade e ao desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, e, ao mesmo tempo, destacar a necessidade de intervenção e apoio para essas famílias.

Assim, ao investigar este tema, pretende-se fornecer dados e informações que possam ser úteis para a comunidade académica, bem como para políticas públicas e programas sociais que visem apoiar as famílias e os adolescentes afectados pela ausência paterna. Ao

compreender melhor o impacto dessa ausência, espero contribuir para uma maior valorização da figura paterna e para o desenvolvimento de estratégias que promovam o envolvimento efectivo dos pais na vida dos seus filhos, mesmo em contextos desafiadores.

O ambiente onde se desenvolveu o presente estudo é o Bairro Floresta A, localizado na Cidade de Quelimane. Trata-se de um bairro residencial com alguma vegetação, inserido na zona urbana da Cidade. Caracteriza-se por ser um local relativamente calmo e seguro, com a presença de habitações, alguns prédios e um comércio local de pequena escala, sendo um espaço onde coexistem diferentes dinâmicas sociais que influenciam directamente o desenvolvimento das famílias e, conseqüentemente, dos adolescentes ali residentes.

Este trabalho está organizado em seis capítulos: O Capítulo I corresponde à Introdução, onde se apresenta o tema, a delimitação do problema, os objectivos, as hipóteses e a relevância do estudo. O Capítulo II refere-se à Revisão da Literatura, englobando o marco conceptual, o desenvolvimento circunstancial, a fundamentação teórica e o marco referencial, que sustentam teoricamente a investigação. O Capítulo III diz respeito à Metodologia, descrevendo os procedimentos adoptados para a recolha e análise dos dados, bem como a caracterização do universo e da amostra. O Capítulo IV apresenta os Resultados, expondo os dados obtidos de forma sistemática e interpretativa. O Capítulo V é dedicado à Discussão, onde se analisam criticamente os resultados à luz do referencial teórico. Por fim, o Capítulo VI compreende a Conclusão, na qual se sintetizam os principais achados da pesquisa, destacando-se as implicações práticas e sugerindo direcções para futuras investigações.

## CAPÍTULO II

### 2. Revisão da Literatura

#### 2.1. Marco Conceptual

##### 2.1.1. Adolescência

Para Coslin (2009:43), o termo adolescente deriva da palavra latina *adolescere*, que significa crescer, desenvolver-se. Não existe consenso, entre os diferentes autores dos estudos divulgados, contudo, a generalidade refere que a adolescência é ma etapa intermediaria do crescimento humano que decorre entre a infância e a idade adulta.

A adolescência é o período de mudança entre a infância e a idade adulta, caracterizada por alterações físicas, psicológicas e sociais significativas. É um período crítico de desenvolvimento humano, marcado por transformações hormonais, crescimento acelerado e maturação sexual (Arena, 2017:112).

Ribeiro (2011:57), define a adolescência é pouco consensual e muito complexa, caracterizado por mudanças físicas, mentais, emocionais, sociais e sexuais.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que ocorre após a infância e antes da idade adulta. Não existe um consenso universal sobre a faixa etária exata que engloba a adolescência, pois isso varia de acordo com factores culturais, sociais e individuais (Avezani, Galindo e Da Silva, 2022:4).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), situa a adolescência no período que decorre entre os 10 e os 19, definindo-a como uma etapa biopsicossocial na qual ocorrem transformações de carácter físico, social, cognitivo e emocional (Martins, 2005:28).

Em fim, pode-se afirmar que a adolescência é uma fase de transição complexa e multifacetada, marcada por profundas transformações no corpo, no pensamento e nas relações sociais. Embora haja variações na definição etária e nos aspetos enfatizados por diferentes autores, é consensual que se trata de um momento crucial na formação da identidade e no amadurecimento do indivíduo. Considero que a adolescência não deve ser vista apenas como um período de mudanças biológicas, mas como uma etapa decisiva na construção de valores, personalidade e inserção social do jovem, exigindo, por isso, atenção e acompanhamento adequados por parte da família, da escola e da sociedade.

### **2.1.2. Paternidade**

Este conceito é complexo. Do latim *paternitas* – sentimento de pai, abarca o homem que deu origem a outro, progenitor (Silva, 2010: 66).

O Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2004) refere como a qualidade ou condição de pai como o vínculo sanguíneo que liga ao filho, ou seja, pai natural - paternidade resulta de prole, sem impedimento matrimonial, por parte do pai ou da mãe.

No entanto, na abordagem espiritual, significa aquele que serve de diretriz, de modelo, que inspira outra pessoa. Pater – linhagem, descendência, chefe de família, tribo. Em termos naturais e simbólicos, o pai, genitor, está ligado por laços de sangue, não necessariamente assume a paternidade ou exerce a chefia da família. Enquanto o pai social, em muitas e diferentes circunstâncias, é o que cria a criança e é referendado como pai pela mãe, sucessivamente (Strauch 2013: 49).

O conceito de paternidade abrange diversos aspectos, entre eles ter autoridade, estabelecer limites, transmitir afecto, ser um modelo de masculinidade, ser um modelo de relacionamento de casal, mostrar caminhos para a vida, indicar possibilidades de crescimento, ser um agente de diferenciação entre mãe e filho, como pressupostos de um modelo para relações saudáveis pela vida. (Setton e Pazinato 2002:75).

Em síntese, considero que a paternidade vai além do vínculo biológico. Ser pai é assumir um compromisso afectivo, educativo e social com o desenvolvimento integral do filho.

### **2.1.3. Ausência paterna**

Significa ausência do pai baseada na sua falta física e/ou emocional para os filhos, resultante seja de morte, divórcio, separação, abandono, desquite ou qualquer outro tipo de separação temporária ou permanente (Pinheiro *et al.* 1983:111).

É notória que as diversas razões da ausência paterna, sejam ela física ou emocional pode ser entendida por diversas formas pelo filho (Rodrigues *et al.* s/d: 2). O modo como um filho sente a ausência paterna, afectará por certo, em diferentes formas em seu desenvolvimento. No entanto, de modo geral, são entendidas de forma negativa, por causa da importância do pai na vida dos filhos adolescentes (Rodrigues *et al.* s/d: 2).

Existem tipologias de ausência, baseadas no contexto psicológico e a físico, que, no entanto, são qualitativamente similares (Pinheiro *et al.* 1983:111). Muza (1998), acredita que o

pai presente, cria segurança em seus estudos, na escolha de uma profissão ou na tomada de iniciativas pessoais, enquanto as que não convivem com o pai acabam tendo problemas de identificação sexual, dificuldades de reconhecer limites e de aprender regras de convivência social.

Segundo Bergamann (2004:78), a ausência paterna tem potencial para gerar conflitos no comportamento e vida social dos adolescentes.

## **2.2. Desenvolvimento Circunstancial**

### **2.2.1. A ausência paterna como fenómeno social**

A ausência paterna tem-se consolidado como uma característica marcante das sociedades contemporâneas, sendo considerada um fenómeno social com repercussões significativas no seio familiar e, sobretudo, no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Esta ausência pode manifestar-se de várias formas física, afectiva ou financeira e está frequentemente associada a mudanças estruturais no modelo tradicional de família.

De acordo com Silva (2021:78), a estrutura familiar tem sofrido transformações profundas nas últimas décadas, impulsionadas por factores como o aumento das taxas de divórcio, a migração laboral, a monoparentalidade e os novos arranjos familiares. Estas mudanças provocam uma reconfiguração nas dinâmicas parentais, levando à ausência, muitas vezes prolongada, da figura paterna. Para o autor, “a ausência do pai não deve ser entendida apenas como uma ausência física, mas também como um distanciamento emocional e afectivo que fragiliza o suporte familiar necessário ao desenvolvimento saudável dos filhos” (Silva, 2021: 78).

Nas sociedades modernas, o papel do pai tem sido amplamente debatido, especialmente no que se refere à sua função afectiva e educativa. Segundo Costa e Almeida (2020: s/d), o pai, que outrora desempenhava uma função primordialmente financeira e disciplinadora, hoje é também chamado a participar activamente no cuidado, na orientação emocional e na construção da identidade dos filhos. No entanto, a realidade evidencia uma lacuna significativa na presença paterna, reflectindo-se em situações de abandono, negligência ou envolvimento parental mínimo.

De acordo com a UNICEF (2020:31), cerca de 1 em cada 3 crianças em países em desenvolvimento vive sem a presença activa do pai, o que revela a dimensão global do problema. Em contextos africanos, como em Moçambique, este fenómeno está frequentemente

ligado a factores socioeconómicos como a pobreza, o desemprego, a migração em busca de trabalho e a paternidade não assumida, muitas vezes agravada por normas culturais permissivas quanto à responsabilidade paterna.

A ausência paterna não é, portanto, apenas uma questão individual ou familiar, mas um reflexo de uma problemática estrutural mais ampla. Na visão de Ferreira (2019: 112), a ausência do pai “é um fenómeno social que interage com o tecido económico e cultural das comunidades, exigindo uma abordagem integrada para a sua compreensão e mitigação”. Assim, compreendê-la como um fenómeno social implica reconhecer as intersecções entre as escolhas individuais, os determinantes económicos, os modelos culturais de masculinidade e as políticas públicas voltadas para a protecção da família.

Neste contexto, a parentalidade contemporânea apresenta novos desafios, nomeadamente no que se refere à corresponsabilização dos pais nas funções parentais. A fragilidade dos laços afectivos e o desequilíbrio nas relações parentais tornam a ausência do pai uma realidade cada vez mais comum, com consequências que ultrapassam o ambiente doméstico e se fazem sentir no desempenho escolar, nas relações interpessoais e na saúde mental dos adolescentes.

Portanto, a ausência paterna deve ser compreendida como um fenómeno social complexo, multifactorial e crescente, cuja abordagem requer não apenas atenção individual e familiar, mas também políticas públicas de apoio à parentalidade, promoção da responsabilidade paterna e fortalecimento dos laços familiares.

### **2.2.2. Ausência paterna no desenvolvimento psicossocial do adolescente**

Considerando a relevância da participação paterna na fase da adolescência, Felzenswalb (2003:45), identificou o afastamento afectivo do pai como promotor de padrões de interação disfuncionais, em que é possível observar o prejuízo na conquista da autonomia dos filhos e no seu processo de separação da mãe. Além disso, o mesmo autor refere que a quebra do vínculo afectivo e da convivência com o pai parece suscitar sentimentos de abandono, rejeição e culpa, colocando em risco a formação de novos vínculos.

Neste sentido, o estudo de Sganzerla e Levandowski (2010:89) ressalta que a situação familiar de ausência paterna prolongada, física ou afectiva, pode se tornar um factor de risco em diversos aspectos do desenvolvimento do adolescente de ambos os sexos, tais como manifestações de comportamento delinquentes, porte de arma e embriaguez no contexto escolar

além de amadurecimento físico precoce, maior probabilidade de uso de drogas e alto índice de obesidade.

Segundo Araújo (2005:123), na adolescência, o pai precisa agir como facilitador de separações, impulsionando o filho a seguir adiante. E a partir deste momento, ele se oferece como um elemento importante e fundamental para a identificação, que antes era um papel restrito à mãe. Para tanto, espera-se que o pai possa fazer parte desta relação, adotando afectiva e efetivamente seus filhos; já que pais ausentes, muito autoritários ou distantes podem favorecer o aparecimento de problemas de personalidade e dificuldades do adolescente na interação com seus pares.

Assim, as crianças que chegam à adolescência privadas, de alguma forma, do convívio físico e afectivo com o pai podem enfrentar problemas de identificação sexual, além de dificuldades de reconhecer limites e de aprender regras de convivência social, o que estaria relacionado com a dificuldade de internalização de um pai simbólico, capaz de representar a instância moral do indivíduo (Fontes, 2010:112; Barbieri e Pavelqueires, 2012:134). Neste sentido, a pesquisa de Benczik (2011:67) evidencia que os filhos necessitam de apoio, segurança e o estabelecimento de valores que, cabe ao pai transmitir. O autor refere que os jovens procuram no próprio pai um modelo com o qual possam identificar-se e, se este está ausente, outros modelos poderão ocupar esse vazio, com maior possibilidade de não serem modelos positivos.

É importante salientar, ainda, o fato de que podem existir diferenças no impacto da ausência paternal para o desenvolvimento dos adolescentes, conforme os recursos emocionais individuais, o manejo dos membros da família e a presença de uma rede de apoio social com a qual eles possam contar, a fim de minimizar os efeitos adversos dessa condição familiar (Sganzerla e Levandowski, 2010:90).

### **2.2.3. Principais causas da ausência paternal**

A ausência paternal é um fenómeno multifacetado que pode ter origens diversas, sendo influenciada por factores de ordem económica, social, cultural e emocional. A identificação e compreensão dessas causas são fundamentais para analisar o impacto da ausência do pai no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes.

Uma das causas mais recorrentes da ausência paternal é a migração laboral. Em muitos países em desenvolvimento, como Moçambique, os pais abandonam temporariamente ou

permanentemente os seus lares em busca de melhores condições de vida noutras regiões ou países. Esta migração, por vezes forçada pelas dificuldades económicas, deixa para trás famílias cuja estrutura se vê profundamente alterada. Segundo Góis (2018:52), a migração laboral masculina implica frequentemente um afastamento prolongado da figura paterna, dificultando a manutenção de vínculos afectivos e a participação activa na educação dos filhos.

Outro factor importante é o divórcio ou separação conjugal, cada vez mais comum nas sociedades contemporâneas. A dissolução da união entre os pais nem sempre é acompanhada por uma divisão equilibrada das responsabilidades parentais. Em muitos casos, após o divórcio, os pais tornam-se emocional ou fisicamente distantes dos filhos. De acordo com Marques e Pinto (2020:88), a ruptura conjugal, sobretudo em contextos com baixa literacia emocional, tende a traduzir-se em afastamento paterno, muitas vezes causado por conflitos com a ex-companheira ou por ausência de regulamentação judicial eficaz do exercício das responsabilidades parentais.

Além disso, a paternidade não assumida constitui uma causa significativa da ausência paterna. Há casos em que os homens negam a paternidade ou abandonam os filhos logo após o nascimento. Este comportamento pode estar ligado a normas culturais permissivas, à falta de preparação emocional para exercer a paternidade ou à ausência de estruturas legais que responsabilizem adequadamente os progenitores. Para Matavele (2019:101), em Moçambique, a fragilidade da responsabilização legal dos pais biológicos contribui para o abandono da paternidade, especialmente nos casos em que não existe coabitação com a mãe da criança.

Outro elemento determinante é a morte do pai, que embora não envolva escolha, também implica ausência e pode ter consequências igualmente profundas. Neste caso, a ausência é permanente e insubstituível, sendo necessário um suporte emocional e social redobrado por parte de outros membros da família e da comunidade. A perda paterna durante a infância ou adolescência pode desencadear sentimentos de vazio, insegurança e desorientação, tal como afirmam Dias e Cardoso (2021: 58), para quem “a ausência paterna por morte constitui uma das perdas mais impactantes no processo de desenvolvimento emocional do adolescente”.

Adicionalmente, a instabilidade económica e os problemas sociais como o consumo de álcool, drogas ou comportamentos violentos também podem afastar os pais da convivência familiar. Em muitos casos, mesmo presentes fisicamente, os pais tornam-se emocionalmente indisponíveis ou ineficazes na sua função parental. Isto é corroborado por Ferreira (2019: 119), que refere que “a pobreza extrema e os comportamentos disfuncionais tendem a criar um

ambiente familiar tóxico, onde a figura paterna, ainda que presente fisicamente, é ausente na prática afectiva e educativa”.

Por fim, importa destacar a ausência emocional, uma forma mais subtil, mas igualmente prejudicial. Mesmo quando o pai reside com os filhos, pode não estar emocionalmente disponível, o que compromete o vínculo afectivo necessário ao desenvolvimento saudável da criança e do adolescente. Esta ausência está frequentemente relacionada com traços culturais que reforçam a ideia de que o papel do pai é apenas o de provedor material. Segundo Costa e Almeida (2020:94), “a ausência emocional paterna resulta, muitas vezes, de modelos de masculinidade tóxica que inibem a expressão afectiva dos homens, dificultando a construção de vínculos saudáveis com os filhos”.

Desta forma, as causas da ausência paterna são complexas e interligadas, exigindo uma análise contextualizada que considere os factores sociais, económicos e culturais específicos de cada realidade. Reconhecer essas causas é essencial para o desenvolvimento de estratégias de intervenção que promovam a presença e a participação activa do pai na vida dos filhos.

#### **2.2.4. Consequências da ausência paterna no desenvolvimento psicossocial do adolescente**

A ausência paterna tem efeitos profundos e duradouros no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, afectando dimensões essenciais como a autoestima, a identidade, a socialização, o equilíbrio emocional e a construção de projectos de vida. O pai, enquanto figura de referência, desempenha um papel importante na estruturação afectiva e comportamental dos filhos, sendo a sua ausência frequentemente associada a dificuldades significativas nesse percurso.

De acordo com Ferreira e Mendes (2020:67), a presença paterna activa durante a adolescência está associada a uma melhor autoimagem, maior segurança emocional e mais estabilidade nas relações sociais. A sua ausência, pelo contrário, tende a originar sentimentos de rejeição, abandono e insegurança, dificultando o desenvolvimento de um sentido saudável de identidade (Ferreira e Mendes, 2020:81). Estes adolescentes podem sentir-se menos valorizados e desenvolver crenças de desamparo ou de desajustamento em relação aos seus pares.

A nível emocional, a ausência do pai pode causar ansiedade, depressão e baixa autoestima. Estudos mostram que adolescentes que crescem sem o suporte afectivo do pai têm

maior tendência a desenvolver quadros de sofrimento psicológico, particularmente quando essa ausência é acompanhada de negligência ou de conflitos familiares. Na visão de Santos (2019: 66), “a figura paterna, ao ser ausente, deixa um vazio simbólico difícil de ser preenchido, e tal vazio traduz-se frequentemente em sintomas de angústia, agressividade ou apatia”.

No que diz respeito à socialização, a ausência paternal prejudica a capacidade de construção de vínculos e de regras sociais. O adolescente pode apresentar comportamentos antissociais, dificuldade de adaptação em ambientes escolares ou comunitários, bem como uma visão distorcida das normas sociais. Segundo Lopes (2018:72), a presença activa do pai facilita a internalização de valores, o respeito pelas regras e o autocontrolo, sendo por isso fundamental no processo de integração social.

Outra consequência importante está relacionada à formação da identidade, especialmente nos adolescentes do sexo masculino. A ausência de uma figura masculina de referência pode dificultar a compreensão do próprio papel social, provocando crises identitárias ou a busca de substitutos em modelos negativos, como grupos delinquentes ou comportamentos de risco. Para Costa e Ribeiro (2021:97), “os adolescentes sem a presença paterna efectiva tendem a procurar noutros espaços o reconhecimento e a validação que não encontram em casa, o que pode aumentar a vulnerabilidade a influências negativas”.

Adicionalmente, é frequente a baixa performance escolar em adolescentes com ausência paternal. O envolvimento activo do pai no contexto educativo está associado a melhores resultados académicos e maior motivação para o estudo. A sua ausência, sobretudo quando não compensada por outras figuras adultas, pode comprometer o rendimento escolar e o investimento em projectos futuros. Segundo o estudo de Nhampossa (2020:88), “a ausência do pai em contextos de fragilidade económica e emocional influencia negativamente a persistência escolar e a aspiração académica dos adolescentes”.

Por fim, é importante destacar o aumento da propensão a comportamentos de risco, tais como consumo de substâncias, delinquência, sexualidade precoce ou evasão escolar. Estas condutas podem ser formas de manifestação da dor emocional ou tentativas de afirmação e pertencimento. Conforme explica Silva (2019:110), “a ausência paternal, quando não acompanhada por mecanismos de compensação afectiva, aumenta significativamente o risco de envolvimento dos adolescentes em trajectórias desviantes”.

### **2.2.5. Implicações para a dinâmica familiar e comunitária**

A ausência paterna não afecta apenas o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, mas também impacta profundamente a dinâmica familiar e comunitária. As implicações dessa ausência reverberam de forma significativa na estrutura e funcionamento das famílias, especialmente no que diz respeito à sobrecarga de responsabilidades de outros membros da família, particularmente das mães, e à crescente necessidade de apoio por parte da comunidade e das instituições sociais.

Primeiramente, a sobrecarregação das mães é uma consequência imediata e evidente da ausência do pai. Em muitos casos, a mãe assume sozinha a responsabilidade pela educação, pelo cuidado diário dos filhos, pela gestão financeira do lar e pelo suporte emocional necessário para o desenvolvimento dos filhos. Como explica Almeida (2019: 72), “o papel da mãe em situações de ausência paterna muitas vezes vai além da mera administração do lar, tornando-se também o pilar emocional da família”. A mãe, portanto, não só tem de substituir a função do pai, mas também lidar com a pressão social e cultural de cumprir com as expectativas de ser uma mãe eficaz e emocionalmente estável, o que pode gerar altos níveis de estresse, exaustão e até depressão.

Além disso, a falta de recursos e suporte institucional torna a situação ainda mais desafiadora. A ausência paterna muitas vezes coincide com a vulnerabilidade económica das famílias, especialmente nas comunidades mais desfavorecidas. A falta de uma fonte de rendimento adicional e a pressão para garantir o bem-estar dos filhos tornam-se fontes de grandes dificuldades para a mãe, que muitas vezes não tem acesso a recursos adequados, como programas de apoio social ou serviços de saúde de qualidade. Segundo Pereira (2020: 54), “a ausência do pai em contextos de pobreza agrava ainda mais a marginalização das mães, que se veem sozinhas na luta pela sobrevivência e pela educação dos filhos”.

No contexto do bairro Floresta A, como se observa frequentemente em áreas urbanas de países em desenvolvimento, a comunidade desempenha um papel crucial, mas também limitado, no apoio às famílias monoparentais. Muitas vezes, as redes de apoio social que poderiam contribuir para mitigar os impactos da ausência paterna são fracas ou inexistentes, o que agrava a situação da família. A comunidade pode ser um suporte valioso, através de apoio emocional, partilha de recursos ou ajuda prática, mas essas redes nem sempre são estruturadas ou eficazes. De acordo com Silva e Costa (2018: 101), “em muitos contextos urbanos, a falta

de coesão social e a sobrecarga das estruturas comunitárias tornam a rede de apoio familiar insuficiente para suprir as necessidades de famílias monoparentais”.

Ademais, a ausência do pai também implica uma fragilidade na transmissão de normas sociais e de valores fundamentais. A estrutura familiar tradicional, que costuma contar com a presença de ambos os pais, assegura o equilíbrio na educação dos filhos, permitindo que o pai transmita valores de masculinidade, independência e resiliência, enquanto a mãe contribui com valores de afetividade e empatia. Com a ausência do pai, essas funções podem ser desiguais, o que pode resultar em uma formação desequilibrada da identidade do adolescente, especialmente no que se refere a modelos de masculinidade e responsabilidade social. Segundo Oliveira (2017: 83), “a ausência do pai na educação implica uma lacuna significativa no processo de socialização do adolescente, que pode não conseguir internalizar valores relacionados à identidade masculina, ao respeito pelas figuras de autoridade e à adaptação às normas sociais”.

Em termos de políticas públicas e instituições sociais, a ausência do pai nas famílias monoparentais revela a necessidade de estruturas de apoio mais eficazes e inclusivas. As políticas de apoio à parentalidade e as redes de suporte à infância e adolescência precisam ser mais robustas, especialmente em contextos de pobreza e vulnerabilidade social. A intervenção de serviços sociais, programas educativos e apoio psicológico são cruciais para mitigar os efeitos da ausência paterna. Para Santos (2019:92), “os programas que promovem a participação dos pais na educação, independentemente de estarem ou não presentes fisicamente, são fundamentais para a promoção de uma parentalidade responsável e para o equilíbrio emocional dos filhos” .

Portanto, as implicações da ausência paterna não se limitam ao impacto directo na criança ou adolescente, mas estendem-se a toda a estrutura familiar e à comunidade em geral. As mães são sobrecarregadas com responsabilidades adicionais, a dinâmica familiar é alterada, e a capacidade de a comunidade oferecer suporte a essas famílias é frequentemente limitada. Além disso, a necessidade de políticas públicas mais eficazes e redes de apoio comunitário reforçadas torna-se clara para reduzir os impactos negativos dessa ausência e promover o bem-estar da criança e do adolescente.

## **2.3. Marco Teórico**

### **2.3.1. Teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson**

A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, proposta por Erik Erikson, constitui uma das abordagens mais relevantes para a compreensão do impacto da ausência paterna no processo de crescimento do adolescente. Erikson (1998:110) argumenta que o desenvolvimento humano decorre ao longo de oito estágios psicossociais, cada um associado a uma crise específica que o indivíduo deve resolver para alcançar um desenvolvimento saudável. No caso dos adolescentes, o estágio dominante é o da “Identidade versus Confusão de Papéis”, que se estende, geralmente, entre os 12 e os 19 anos de idade. Este estágio é crucial, pois marca o início da construção de uma identidade pessoal e social coerente, sendo o momento em que os jovens procuram compreender quem são, qual é o seu lugar no mundo e quais os valores que irão guiar as suas vidas.

A presença ou ausência de figuras parentais significativas, particularmente do pai, desempenha um papel determinante neste processo. Segundo Erikson, quando o adolescente não dispõe de modelos estáveis de referência, como um pai presente e envolvido, podem surgir sentimentos de insegurança, instabilidade emocional, fraca autoestima e dificuldades na construção de uma identidade sólida. A ausência paterna pode, portanto, contribuir para uma maior tendência à confusão de papéis, influenciando negativamente a forma como o jovem se percebe e se relaciona com o seu meio social.

Na visão da autora, esta teoria é fundamental para a análise do impacto psicossocial da ausência paterna, sobretudo num contexto como o do Bairro Floresta A, onde muitos adolescentes crescem em lares sem a presença activa do pai. O suporte afectivo e normativo que a figura paterna pode oferecer torna-se um factor crítico na navegação desta fase do desenvolvimento. A ausência deste suporte tende a deixar os adolescentes mais vulneráveis a comportamentos de risco, como delinquência, consumo de substâncias e abandono escolar, além de dificultar a integração em redes sociais positivas.

A teoria de Erikson é igualmente relevante por reconhecer que o processo de desenvolvimento é contínuo e cumulativo, o que significa que dificuldades enfrentadas em estágios anteriores como a ausência de vinculações seguras ou a vivência de negligência parental tendem a repercutir negativamente nos estágios seguintes. Neste sentido, a ausência paterna não deve ser vista apenas como um evento isolado, mas como uma condição que pode interromper ou distorcer o curso normativo do desenvolvimento psicossocial do adolescente.

Ao integrar esta teoria na presente pesquisa, a autora pretende reforçar a necessidade de compreender a adolescência como uma fase de vulnerabilidade, mas também de potencial, onde a presença ou ausência de figuras parentais pode representar a diferença entre o sucesso ou o fracasso na formação da identidade. A aplicação da teoria de Erikson permite, assim, interpretar de forma mais ampla os dados que serão analisados posteriormente, destacando a importância de intervenções familiares e comunitárias que favoreçam o desenvolvimento integral do adolescente.

### **2.3.2. Teoria da vinculação de John Bowlby**

A teoria da vinculação sustenta que os vínculos emocionais estabelecidos nas primeiras fases da vida têm um impacto duradouro sobre o comportamento e a saúde mental do indivíduo. Segundo Bowlby (1984:59), a ausência de uma figura de apego estável pode comprometer o desenvolvimento emocional e aumentar a vulnerabilidade a perturbações comportamentais. A autora adota esta abordagem por considerar que a ausência paterna frequentemente interfere na criação de vínculos seguros, afectando negativamente a capacidade de confiança e regulação emocional dos adolescentes.

### **2.3.3. Teorias da parentalidade e da função paterna**

As teorias da parentalidade destacam os diferentes papéis dos progenitores no desenvolvimento da criança. De acordo com Lamb (2004:67), a figura paterna é particularmente relevante no incentivo à autonomia, na disciplina e no reforço das competências sociais. A ausência dessa figura pode resultar em lacunas significativas na estrutura de apoio afectivo e educativo.

A autora entende que, numa sociedade em transição como a moçambicana, é essencial repensar a divisão de responsabilidades parentais e valorizar a presença activa do pai na vida do filho.

### **2.3.4. Teorias da estrutura familiar**

Estas teorias analisam o impacto da composição e organização da família no bem-estar dos seus membros. Bronfenbrenner (1996:89), na sua teoria ecológica do desenvolvimento humano, sublinha que a família é o contexto mais próximo e influente no desenvolvimento do adolescente. Assim, mudanças estruturais, como a ausência de um dos progenitores, alteram significativamente o sistema de suporte e afectam o equilíbrio emocional e comportamental dos

jovens. A autora posiciona-se no sentido de considerar essas mudanças como factores de risco que exigem atenção tanto da sociedade como das políticas públicas.

A selecção destas teorias fundamenta-se na sua relevância explicativa e na capacidade de contextualizar, de forma abrangente, os efeitos da ausência paterna sobre o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. A autora adopta uma perspectiva crítica e integradora, reconhecendo que nenhuma teoria, por si só, explica toda a complexidade do fenómeno. Contudo, em conjunto, estas abordagens proporcionam uma base teórica sólida para a análise dos dados que serão discutidos nos capítulos subsequentes.

### **2.3.5. Análise crítica e posicionamento da autora**

Embora as teorias mencionadas forneçam uma sólida base explicativa para o estudo da ausência paterna, a autora reconhece que as dinâmicas familiares são altamente complexas e multifacetadas. A análise crítica das teorias sugere que, embora o impacto da ausência paterna seja substancial, ele não é homogéneo. As experiências individuais dos adolescentes, as características socioeconómicas das famílias e o apoio da comunidade podem mitigar, em parte, os efeitos adversos dessa ausência.

A teoria da vinculação, por exemplo, oferece uma explicação robusta sobre os efeitos emocionais da ausência paterna, mas deve ser complementada pela compreensão dos contextos culturais e sociais em que as famílias estão inseridas. Em contextos de pobreza ou desigualdade social, como o de muitos bairros urbanos em Moçambique, as estratégias de enfrentamento das mães e da comunidade podem ser determinantes para suavizar os efeitos da falta do pai.

De igual modo, a abordagem das teorias de parentalidade revela que a presença de um pai responsável e afectivo é essencial para o desenvolvimento saudável do adolescente, mas a resiliência dos adolescentes e o apoio das mães ou de outras figuras sociais podem compensar parcialmente a ausência de um pai biológico, embora os efeitos a longo prazo possam ser significativos.

## 2.4. Marco Referencial

Diversos estudos internacionais destacam o impacto da ausência paterna no desenvolvimento psicossocial de adolescentes. Um estudo realizado por McLanahan e Sandefur (1994:125) nos Estados Unidos indicou que crianças que crescem sem a presença activa do pai têm maior probabilidade de desenvolver problemas emocionais e comportamentais, incluindo depressão e dificuldades escolares. Além disso, esses adolescentes tendem a ter maiores taxas de delinquência e envolvimento em comportamentos de risco. O estudo sugere que a presença do pai, mesmo de forma não residente, pode proporcionar uma rede de apoio que minimiza os efeitos negativos da ausência.

Na mesma linha, Lamb (2010:79) destaca que os pais desempenham um papel essencial no desenvolvimento da autorregulação emocional e social dos filhos. Estudos de acompanhamento de jovens que cresceram sem o pai mostram que esses indivíduos têm mais dificuldades em estabelecer relações saudáveis e têm uma visão distorcida sobre o que significa ser pai, o que pode perpetuar o ciclo de ausência paterna nas gerações seguintes.

No contexto africano, estudos realizados por Gungu *et al.* (2017:231) na África do Sul apontam que a ausência paterna tem um impacto significativo no desenvolvimento psicossocial de adolescentes, particularmente em áreas urbanas e periurbanas. Segundo este estudo, a falta da figura paterna está associada a um aumento no índice de problemas de saúde mental, como a ansiedade e a depressão, além de uma maior propensão ao envolvimento em comportamentos de risco, como o consumo de substâncias e a delinquência. A pesquisa também destacou a influência positiva de figuras masculinas substitutas, como avós ou tios, no apoio emocional e na estabilidade social dos adolescentes.

No entanto, Chirwa (2015:88), num estudo realizado no Malawi, conclui que, apesar das dificuldades, a ausência paterna pode ser mitigada pelo forte apoio de outras figuras familiares e pela comunidade. O autor sugere que a dinâmica comunitária e as redes de apoio social podem atenuar os impactos negativos da ausência do pai, fornecendo um sistema de suporte emocional e prático essencial para o desenvolvimento dos jovens.

Em Moçambique, o estudo de Cruz (2019:56) sobre a ausência paterna em famílias urbanas na Cidade de Maputo revelou que a falta de um pai presente é frequentemente associada a dificuldades no desempenho académico e a um maior risco de envolvimento em comportamentos problemáticos, como a violência escolar e o consumo de drogas. A pesquisa

também apontou que as mães, frequentemente sobrecarregadas, lutam para fornecer o apoio emocional necessário para o desenvolvimento saudável dos seus filhos.

Por outro lado, Mussa (2021), num estudo realizado em Quelimane, observou que, apesar da ausência paterna ser uma realidade prevalente, muitos adolescentes encontram apoio em outros membros da família, como mães, avós e outros parentes próximos. Este apoio, no entanto, não é suficiente para suprir todas as carências emocionais e sociais causadas pela falta do pai. A pesquisa de Mussa destaca ainda a necessidade urgente de políticas públicas que promovam o envolvimento dos pais na educação e no desenvolvimento dos filhos, independentemente da sua situação conjugal ou residencial.

Os estudos revisados reforçam a ideia de que a ausência paternal tem um impacto negativo significativo no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, particularmente em áreas como a autoestima, regulação emocional e comportamento social. No entanto, também se observa que a presença de figuras substitutas e o suporte comunitário podem atenuar, em parte, esses efeitos.

Apesar da consistência dos resultados internacionais, regionais e nacionais, observa-se que os contextos culturais e sociais podem influenciar a forma como a ausência paternal é experienciada. Em muitas sociedades africanas, como Moçambique, o conceito de família estendida e a forte rede de apoio social podem funcionar como factores de mitigação dos impactos da ausência do pai. No entanto, isso não diminui a necessidade de políticas públicas e programas sociais que incentivem o envolvimento activo dos pais e ofereçam suporte psicológico para os jovens afectados por essa lacuna emocional.

## **CAPÍTULO III**

### **3. Metodologia**

O presente capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados para a realização do estudo, incluindo o tipo de estudo, a população e amostra envolvidas, bem como os procedimentos administrativos seguidos para a recolha de dados.

#### **3.1. Tipos de Pesquisa**

##### **3.1.1. Quanto aos objectivos**

A presente pesquisa foi definida como descritiva. Esta tipologia revelou-se adequada para descrever as características e os impactos da ausência paterna no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. De acordo com Gil (2008:44), a pesquisa descritiva “visa descrever as características de determinada população ou fenómeno, com o objectivo de se obter um retrato mais detalhado e preciso”. No presente estudo, procurou-se delinear as especificidades da realidade do bairro Floresta A, oferecendo um panorama claro dos efeitos associados à ausência paternal.

##### **3.1.2. Quanto à abordagem**

A abordagem metodológica adoptada foi qualitativa, por se revelar mais adequada à investigação de fenómenos complexos e à compreensão das percepções e experiências dos participantes. Conforme referem Prodanov e Freitas (2013:92), a pesquisa qualitativa “foca na compreensão profunda das características sociais e comportamentais, explorando as subjetividades e os significados atribuídos pelos indivíduos às suas experiências”.

Esta abordagem permitiu captar as nuances das vivências dos adolescentes e dos seus contextos familiares, oferecendo uma análise detalhada dos desafios enfrentados no bairro Floresta A.

##### **3.1.3. Quanto à natureza**

É classificada com básica porque seu objetivo principal é ampliar o conhecimento teórico sobre o impacto da ausência paterna no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, sem foco imediato na aplicação prática dos resultados.

De acordo com Severino (2007:131), a pesquisa básica visa gerar conhecimentos novos para o avanço da ciência, sem uma aplicação prática imediata. Esse tipo de pesquisa busca

compreender as características de forma aprofundada, contribuindo para a construção de uma base teórica sólida que possa orientar estudos futuros e disciplinas.

#### **3.1.4. Quanto aos procedimentos metodológicos**

O procedimento metodológico escolhido foi o estudo de caso, considerado pertinente para uma análise detalhada e contextualizada do fenómeno no seu ambiente natural. Conforme Yin (2014:157), “o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que permite uma análise detalhada e contextualizada de um fenómeno dentro do seu contexto real”.

O estudo de caso realizado no bairro Floresta A, na Cidade de Quelimane, permitiu compreender de forma aprofundada como a ausência paterna influencia o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes neste contexto específico. Esta abordagem possibilitou explorar as experiências vivenciadas por famílias e jovens, identificando padrões, desafios e factores que poderão ser considerados relevantes também noutros contextos com características semelhantes.

### **3.2. População e Amostra**

O presente estudo foi realizado com adolescentes com idades entre os 12 e os 19 anos que enfrentam a ausência paterna, bem como com secretário do bairro e mães sem maridos presentes, residentes no Bairro Floresta A, na Cidade de Quelimane. A amostra foi composta por 13 participantes, nomeadamente: 10 adolescentes que vivenciam a ausência do pai, 1 secretário do bairro e 2 mães sem maridos.

A selecção dos participantes foi intencional, de forma a garantir a representatividade do grupo de interesse. Este método permitiu uma análise mais precisa e aprofundada das dinâmicas familiares e sociais da comunidade em estudo. Segundo Palinkas *et al.* (2015:33), a selecção intencional constitui uma estratégia eficaz para recrutar indivíduos que preencham critérios específicos, possibilitando uma compreensão detalhada dos fenómenos investigados.

No caso deste estudo, os critérios de selecção basearam-se na confirmação da ausência paterna, assegurando que todos os adolescentes incluídos na amostra experienciavam directamente essa realidade. A abordagem intencional permitiu, assim, compor uma amostra exclusivamente formada por indivíduos directamente afectados pela ausência paternal o que foi fundamental para avaliar o seu impacto no desenvolvimento psicossocial. Conforme defende Patton (2015:64), a selecção intencional revela-se particularmente adequada para fornecer uma

compreensão contextualizada e profunda de fenómenos sociais específicos, como é o caso da ausência do pai na estrutura familiar.

### **3.3. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados**

Para a recolha dos dados necessários à concretização dos objectivos da presente pesquisa, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, dada a sua adequação à abordagem qualitativa e à necessidade de compreender em profundidade as experiências e percepções dos participantes.

A autora elaborou um guião de entrevista, que serviu como instrumento principal de recolha de dados. Este guião continha perguntas abertas, organizadas em torno de temas centrais do estudo, nomeadamente: Efeitos Psicossociais da Ausência Paternal, Estratégias de Enfrentamento dos Adolescentes e Papel do Ambiente Familiar e Comunitário. O formato aberto das questões permitiu explorar livremente as respostas dos participantes, dando voz às suas realidades.

Foram utilizadas duas modalidades de entrevista: Entrevista escrita, aplicada aos 10 adolescentes seleccionados, permitindo-lhes responder por escrito às perguntas do guião com mais privacidade e tempo para reflexão, e entrevista oral aplicada ao secretário do bairro e às duas mães sem maridos presentes, sendo estas gravadas com recurso a um gravador de voz, com o devido consentimento informado dos participantes.

As entrevistas foram realizadas nas respectivas residências dos participantes, num ambiente conhecido e confortável, garantindo privacidade, segurança e confiança para a partilha das suas experiências. A escolha do domicílio como local de aplicação das entrevistas teve como objectivo facilitar o acesso, minimizar deslocações e respeitar a disponibilidade dos participantes.

Antes da aplicação definitiva, foi efectuado um pré-teste do guião com participantes que não integraram a amostra principal, com vista a assegurar a clareza, pertinência e compreensibilidade das perguntas. Com base nesse pré-teste, realizaram-se pequenos ajustes no guião, especialmente na linguagem, para melhor adequação ao perfil dos participantes.

A recolha de dados foi conduzida de forma presencial entre os dias 2 de Abril e 5 de Maio de 2025, respeitando os princípios éticos da investigação, nomeadamente o consentimento informado, a confidencialidade e o direito à privacidade dos entrevistados.

### **3.4. Técnica de Análise de Dados**

Depois da colecta de dados, os guiões preenchidos pelos adolescentes foram codificados, categorizados e agrupados, e os resultados foram posteriormente transcritos e interpretados. Os resultados foram analisados por meio de análise de conteúdo. Após a recolha dos dados, iniciou-se o processo de análise, que decorreu em várias etapas bem definidas, com o objectivo de interpretar de forma rigorosa e aprofundada os resultados obtidos.

Num primeiro momento, os guiões de entrevista escritos preenchidos pelos adolescentes foram reunidos e organizados. Em seguida, procedeu-se à leitura atenta de cada guião, com o intuito de identificar as ideias principais expressas pelos participantes.

As entrevistas orais realizadas com as mães e com o secretário do bairro foram gravadas com autorização dos participantes e, posteriormente, transcritas palavra por palavra, respeitando fielmente o conteúdo dos seus discursos.

Após a organização do material, deu-se início à codificação dos dados. Isso consistiu em destacar palavras, frases ou expressões significativas, que foram assinaladas com códigos representativos do seu conteúdo. Esta fase foi essencial para facilitar a identificação de padrões e temas recorrentes nas falas dos participantes.

Em seguida, procedeu-se à categorização, ou seja, os códigos com conteúdos semelhantes foram agrupados em categorias temáticas. Por exemplo, respostas relacionadas com sentimentos de abandono foram agrupadas numa categoria específica, assim como respostas que indicavam estratégias de enfrentamento, dificuldades escolares, ou impacto emocional.

Depois disso, realizou-se a análise de conteúdo propriamente dita, com base no método proposto por Bardin (2011: 48). Esta técnica permitiu interpretar os dados de forma sistemática, indo além do que foi dito literalmente pelos participantes, de modo a identificar sentidos ocultos, relações entre categorias e significados mais profundos.

Por fim, os dados foram interpretados à luz da fundamentação teórica apresentada anteriormente, especialmente com base nas teorias de Erikson, Bowlby, Lamb e Bronfenbrenner, permitindo uma compreensão integrada dos efeitos da ausência paternal no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes do Bairro Floresta A.

### **3.5. Procedimentos Administrativos**

Após a emissão da credencial pelo serviço distrital de saúde, mulher e acção social (SDSMAS), a autora dirigiu-se ao secretário do Bairro Floresta A, a quem apresentou formalmente a investigação, entregando a credencial e explicando os objectivos do estudo, bem como os procedimentos a seguir durante a recolha de dados. O secretário mostrou-se disponível e colaborativo desde o início.

Com o apoio do secretário, foram identificadas as residências onde viviam adolescentes em situação de ausência paterna. Em cada visita, o secretário fazia uma abordagem inicial às mães, explicando brevemente o propósito da presença da autora. O consentimento para a realização das entrevistas foi obtido oralmente, tanto por parte das mães como do próprio adolescente, com o conhecimento do secretário do bairro.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes, durante os períodos da manhã e da tarde, conforme a disponibilidade das famílias. Este processo repetiu-se até se atingir o número previsto de participantes. Nos casos em que os participantes não estavam disponíveis no momento da visita, o secretário indicava outras residências com características semelhantes, garantindo a continuidade e eficácia da recolha de dados.

Todo o processo foi conduzido com respeito, ética e responsabilidade, assegurando o consentimento informado, a privacidade e a colaboração voluntária dos envolvidos.

## CAPÍTULO IV

### 4. Resultados

O presente capítulo apresenta os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa, nomeadamente adolescentes em situação de ausência paterna, mães sem maridos presentes e o secretário do Bairro Floresta A, na Cidade de Quelimane.

#### 4.1. Resultados da Entrevista com os Adolescentes

##### 4.1.1. Perfil Sociodemográfica

Estudo foi constituído por dez adolescentes residentes no Bairro Floresta A, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Entre estes, dois têm 12 anos (A1 e A2), dois têm 13 anos (A5 e A7), três têm 15 anos (A3, A4 e A10), um tem 16 anos (A9), um tem 17 anos (A8) e um tem 18 anos (A6).

No que respeita ao género, observa-se que seis participantes são do sexo feminino (A1, A2, A3, A4, A5 e A7) e quatro são do sexo masculino (A6, A8, A9 e A10).

Quanto ao tempo de residência no Bairro Floresta A, embora alguns participantes não tenham indicado esta informação (A1, A2, A5 e A7), os restantes apresentam períodos de permanência que variam entre quatro (4) e treze (13) anos. O participante A3 reside no bairro há 5 anos, o A4 há 13 anos, o A6 há 4 anos, o A8 há 10 anos, o A9 há 8 anos e o A10 há 12 anos.

##### 4.1.2. Efeitos psicossociais da ausência paterna

Em relação ao pai, os adolescentes relataram experiências variadas sobre a relação, presença e impacto emocional da ausência paterna. Os participantes expressaram diferentes percepções sobre a sua relação com o pai:

A1: “A minha relação com o meu pai não é boa.”

A2: “A minha relação com o meu pai não existe.”

A3: “A relação que teríamos não seria boa em nada e não teríamos nenhum compromisso.”

A4: “Sinto que não teríamos uma boa comunicação e não seríamos felizes um com o outro, pelo comportamento que ele demonstra ter até hoje.”

A5: “A relação que tenho não é muito boa. Como o meu pai não é muito presente, não há relação entre pai e filha.”

A6: “A relação com ele é complicada, cheia de mentiras e discussões, falta de respeito e consideração.”

A7: “A relação com o meu pai é muito boa, é carinhoso, mas por vezes zanga-se comigo.”

A8: “Era uma relação muito difícil. Ele tratava mal a minha mãe e, quando bebia, ficava agressivo. Eu tinha medo dele.”

A9: “Ele aparece de vez em quando, mas não conversamos muito.”

A10: “Não temos muito contacto. Só nos vemos em datas especiais e mesmo assim é raro.”

A relação com o pai apresenta-se, assim, como variável entre os participantes, podendo ser positiva, negativa ou praticamente ausente. A ausência paterna ou a presença marcada por conflitos e comportamentos agressivos tem implicações significativas nos efeitos psicossociais, incluindo distanciamento afectivo, medo, dificuldades de comunicação e carência de apoio emocional.

Quanto e à presença do pai na vida diária, os adolescentes relataram:

A1: “Nenhuma das vezes o meu pai esteve presente na minha vida.”

A2: “Na medida da minha vida diária, o meu pai nunca está presente.”

A3: “Em nenhum momento ele esteve ou estará presente.”

A4: “Pelo menos desde os meus 4 anos, ele não se fez presente em nenhum momento da minha vida.”

A5: “O meu pai nunca esteve presente desde que me abandonou. Embora estivesse presente fisicamente, nunca se importou.”

A6: “Ele não está presente em nenhum momento da minha vida.”

A7: “Quando ele está, é nas férias ou quando estou doente.”

A8: “Ele saiu de casa há alguns anos e não temos contacto desde então. Para mim, isso foi uma libertação. Não tenho contacto com ele.”

A9: “Muito pouco. Não participa nas decisões nem nas actividades familiares.”

A10: “Ele não vive connosco e não participa nas actividades do meu dia-a-dia.”

A presença do pai na vida diária revela-se extremamente limitada ou inexistente. A ausência paterna manifesta-se na falta de apoio emocional, na não participação em

decisões e atividades familiares, contribuindo para sentimentos de abandono, distanciamento e, em alguns casos, sensação de alívio quando a presença anterior estava associada a conflitos.

Aida em relação ao impacto emocional da ausência do pai, os adolescentes relataram:

A1: “A ausência do meu pai leva-me a ter sentimentos de tristeza, solidão, até mesmo questões de infelicidade.”

A2: “A ausência do meu pai afectou-me emocionalmente, e sinto-me triste, não sou feliz, e sinto-me abandonado.”

A3: “Acho que afectou-me muito emocionalmente, porque não tenho aquela felicidade total como filha de um pai presente.”

A4: “Afectou-me emocionalmente porque não tenho o prazer de chamar alguém de pai, e isso tem-me deixado aborrecida.”

A5: “Sinto-me mal e sinto muita falta do meu pai.”

A6: “Afecta-me emocionalmente porque cada vez que penso num pai, tenho de tirar a ideia de que um dia terei um.”

A7: “A ausência do meu pai afectou-me, mas fico emocionada quando ele vem ver-me.”

A8: “Sinceramente, a ausência dele trouxe paz. Antes havia muita confusão em casa. Agora sinto-me mais calmo.”

A9: “Sinto um vazio. Às vezes fico revoltado sem saber porquê.”

A10: “Sinto muita falta dele. Às vezes fico triste quando vejo os colegas com os pais.”

A ausência do pai tem um impacto emocional significativo nos participantes, manifestando-se principalmente em sentimentos de tristeza, solidão, vazio e abandono. Em alguns casos, a ausência pode trazer alívio e sensação de paz, sobretudo quando a presença paterna anterior estava associada a conflitos ou situações de instabilidade familiar.

Os adolescentes relataram como percebem que a ausência do pai influencia os seus relacionamentos interpessoais:

A1: “A ausência do meu pai pode influenciar os relacionamentos de várias maneiras. Muitas vezes, a experiência que tive na infância molda a forma como nos relacionamos.”

A2: “A ausência do meu pai influencia sim na relação com outras pessoas. Sinto-me mal.”

A3: “Influência muito nos meus relacionamentos porque não me sinto completa quando vejo meus relacionamentos com pais.”

A4: “Normalmente tem influenciado os meus relacionamentos com outras pessoas, porque algumas pessoas dizem ‘o meu pai é assim’, e eu sabendo que não posso, sinto-me limitada nos meus relacionamentos.”

A5: [sem resposta]

A6: “A ausência influencia nos relacionamentos com outras pessoas pelo facto de ver pessoas a chamar pelos seus pais e eu não podendo fazer o mesmo. Isso cria um vazio dentro de mim perante várias pessoas.”

A7: “Influência com o relacionamento do meu pai e com outras pessoas é muito diferente.”

A8: “Sinto que consigo relacionar-me melhor com os outros agora que vivo num ambiente mais tranquilo. Antes, era sempre tenso e nervoso.”

A9: “Acho que fico mais na defensiva. Não me abro facilmente com ninguém.”

A10: “Tenho dificuldade em confiar nas pessoas e em expressar o que sinto.”

De forma geral, a ausência do pai influencia significativamente os relacionamentos dos adolescentes com os outros, podendo provocar dificuldades em confiar, em expressar sentimentos e em estabelecer vínculos afectivos. Em alguns casos, a ausência paterna provoca um vazio emocional ou sensação de incompletude, enquanto noutros, pode favorecer relacionamentos mais tranquilos em contextos sem conflito.

#### **4.1.3. Estratégias de enfrentamento dos adolescentes**

Os adolescentes relataram diferentes formas de enfrentar a ausência do pai:

A1: “As estratégias usadas para lidar com a ausência do meu pai são: autoconhecimento, busca de apoio, criar novos laços, praticar a autoaceitação.”

A2: “Na estratégia para lidar com a ausência do meu pai uso comer e brincar.”

A3: “Esquecendo-o como pai, como se já não existisse na minha vida.”

A4: “Sentir-me feliz com tudo o que tenho e com todos os que tenho como família e esquecer que um dia tive pai.”

A5: “A estratégia é tentar conquistar o meu pai para ver se posso ter amizade dele.”

A6: “De simples facto de meter na mente que um dia tive pai e que irei precisar dele um dia.”

A7: “Faço telefonema e envio SMS.”

A8: “Não sinto que precise lidar com isso como um problema. O que me afectava era a presença dele.”

A9: “Faço música e ouço rap. Ajuda-me a expressar o que sinto.”

A10: “Igreja e praticar desporto para distrair a mente.”

Os adolescentes utilizam estratégias variadas para lidar com a ausência paterna, que incluem autocuidado, expressão emocional através da música ou desporto, contacto esporádico com o pai, construção de novos laços afectivos e, nalguns casos, a aceitação ou esquecimento da ausência como forma de enfrentar a situação.

Os adolescentes relataram se sentem apoiados e a importância desse apoio na sua vida:

A1: “Sim, é importante porque ajuda-me a esquecer dele.”

A2: “Sim.”

A3: “Sim, é importante para mim para que possa ajudar-me em alguns problemas que tenha que enfrentar.”

A4: “Sim! Este apoio tem um valor muito importante porque tem-me facilitado muito no meu dia-a-dia.”

A5: “Sim, o apoio que tenho é que a minha mãe nunca quis deixar de me apoiar, sempre está presente e dá-me toda a atenção.”

A6: “Sim. Esse apoio é importante para mim porque através dele consigo valorizar algo de bom e do melhor para mim.”

A7: “O apoio é sim com as pessoas com quem convivo; o apoio é muito importante para mim e para os meus amigos.”

A8: “Sim. A minha mãe é forte e batalhadora. Ela dá-me apoio e ensina-me a seguir um caminho diferente.”

A9: “Tenho alguns amigos e a minha avó que me ajudam muito. Sem eles seria mais difícil.”

A10: “Sim. A minha mãe e o meu tio ajudam-me muito. Isso faz-me sentir protegido.”

De forma geral, a maioria dos adolescentes sente que dispõe de um sistema de apoio adequado, essencial para lidar com os desafios associados à ausência paterna. Esse apoio provém principalmente da mãe, familiares próximos ou amigos, e é considerado importante por proporcionar proteção emocional, orientação, companhia e alívio face ao sentimento de abandono.

#### **4.1.4. Papel do ambiente familiar e comunitário**

Os adolescentes relataram como percebem a influência da família e da comunidade no seu desenvolvimento, especialmente na ausência do pai:

A1: “O papel da família e da comunidade no meu desenvolvimento emocional faz-me muito bem.”

A2: “No meu desenvolvimento emocional e social, especialmente na ausência do meu pai, comporto-me bem.”

A3: “Eu vejo que tem sido de bom proveito para mim.”

A4: “O papel da família e da comunidade vejo de uma maneira muito positiva emocionalmente e socialmente.”

A5: “O papel que tenho na minha família – meus avós, meus tios e a minha mãe – é que eles nunca me abandonam e me apoiam.”

A6: “Vejo de uma boa forma o papel da família e da comunidade na socialização, sempre que possível para o meu melhor desenvolvimento.”

A7: “A família traz um trabalho e é muito importante para mim.”

A8: “A minha família uniu-se mais depois que ele saiu. A comunidade também é mais acolhedora agora que vivemos em paz.”

A9: “A família tenta suprir a falta dele.”

A10: “A minha família é muito presente e tenta compensar a falta dele. A comunidade também oferece algumas actividades que ajudam.”

De forma geral, os adolescentes percebem a família e a comunidade como fundamentais no seu desenvolvimento emocional e social, especialmente na ausência do pai, proporcionando apoio, orientação, estabilidade e oportunidades de socialização.

Os participantes também identificaram pessoas que desempenharam papéis importantes na sua vida:

A1: “Sim, considero-me como sua filha / como filha dele.”

A2: “Sim, deram-me tanto apoio que nunca esperava.”

A3: “Sim! Dando-me apoio nos estudos, questões de saúde e bem-estar.”

A4: “Sim! Dando-me ajuda nos estudos, na alimentação, e conselhos como um verdadeiro pai daria à filha.”

A5: “Sim. Meus avós, tios e também o padrasto.”

A6: “Sim. Realizando coisas que, na ausência dele, não podia, conseguindo lidar com os estudos, ter uma alimentação normal, bons conselhos e amizade.”

A7: “Algum da família.”

A8: “A minha mãe é a pessoa mais importante. Ela protegeu-me e cuidou de mim mesmo quando tudo era difícil. Hoje somos mais felizes.”

A9: “A minha avó. Sempre cuidou de mim com muito carinho e ensinou-me valores importantes.”

A10: “O meu tio é como um pai para mim. Ele aconselha-me e está sempre por perto.”

De forma geral, os adolescentes identificam familiares próximos – principalmente mães, avós, tios e padrastos – como figuras centrais que oferecem apoio emocional, orientação, proteção e valores importantes, desempenhando um papel compensatório perante a ausência do pai.

## **4.2. Resultado da Entrevista com a Secretária do Bairro**

Durante a entrevista com secretária do Bairro Floresta A, foram abordadas as principais dificuldades enfrentadas por crianças que crescem sem a presença do pai. A entrevistada destacou que essas crianças sentem, sobretudo, a falta de educação, afecto e amor, sublinhando que essas carências podem marcar o seu desenvolvimento emocional e social.

Ao descrever a forma como lida com esta realidade no seio familiar, salientou a importância de explicar à criança, de forma clara e honesta, as razões da separação dos pais, evitando a criação de narrativas negativas sobre o pai. Conforme afirmou:

“Não encher a criança com certas coisas ou certas mentiras... Porque tem mães que preferem alterar o pensamento da criança... Depois a criança acaba crescendo com outras mentalidades.”

A entrevistada demonstrou sensibilidade ao reconhecer que a verdade acabará por ser compreendida com o tempo, defendendo uma postura equilibrada na comunicação com os filhos, mesmo diante de situações difíceis.

Relativamente ao papel da família e da comunidade, foi referido que existe apoio, ainda que este ocorra de forma esporádica. O suporte manifesta-se ocasionalmente, como em finais de semana ou de ano, e inclui pequenas ajudas no quotidiano. No entanto, o carácter pontual desse apoio pode limitar a sua eficácia na compensação da ausência paternal de forma consistente.

### **4.3. Resultado da Entrevista com as Mães**

As entrevistas realizadas com duas mães residentes no Bairro Floresta A, revelam experiências distintas, mas complementares, sobre os desafios vividos na ausência do pai e as estratégias encontradas para lidar com essa realidade.

M1 relatou múltiplas dificuldades após o abandono por parte do pai dos seus filhos. Destacou especialmente o impacto na provisão de materiais escolares e na luta constante para garantir o mínimo: “São muitas. Eu tentei batalhar para procurar maneiras, como negócio, amigos. São os mesmos amigos que ora ajudavam e ora não ajudavam, para ver se consigo ajudar os meus filhos a comprar caderno e pasta.”

Já M2, com uma visão mais comunitária, sublinhou o sofrimento emocional das crianças, agravado pela ausência de apoios estruturados: “Quando os pais fogem das crianças, ou morrem, esse sofrimento é vivido pelas crianças. O apoio não tem sido um pacto direito para dar às pessoas mais carenciadas.”

Relativamente às estratégias para lidar com a ausência paterna, os resultados indicam que M1 procura compensar essa ausência com o apoio de amigos e do seu companheiro actual, ainda que essa ajuda nem sempre seja consistente:

“O namorado que eu tenho às vezes dá, outras vezes não dá, mas do pouco que ele consegue eu tento ajudar os meus filhos.”

M1 referiu ainda que tentou estabelecer contacto com o pai biológico, porém sem qualquer sucesso:

“Tentava falar com o pai, mas mesmo quando tinha dinheiro nunca pensou em ajudar os filhos.”

No que diz respeito ao apoio familiar e comunitário, as mães apresentaram experiências distintas.

M1 reconheceu o papel fundamental da sua família no apoio aos filhos:

“O meu pai é quem me dá e a minha irmã é quem ajuda o meu filho.”

Por outro lado, M2, que exerce uma função de autoridade comunitária, afirmou que a comunidade raramente se envolve de forma efectiva no apoio às famílias afectadas pela ausência paterna:

“É um bocado raro, difícil. Nunca. Não posso mentir. Não tem sido fácil.”

Ainda assim, M2 sugeriu que poderiam ser implementadas melhorias através de mecanismos de identificação directa das famílias mais vulneráveis:

“Se houvesse meios, era fazer o levantamento e ver as pessoas ao vivo, para serem beneficiadas.”

# CAPÍTULO V

## 5. Discussão

### 5.1. Perfil sociodemográfico

Os resultados mostram que os adolescentes entrevistados têm idades entre os 12 e os 18 anos, fase marcada por mudanças emocionais e comportamentais significativas. Este intervalo etário torna-os particularmente sensíveis à ausência paterna, uma vez que é um período em que procuram referências, apoio afectivo e orientação para a construção da identidade.

A maioria dos participantes é do sexo feminino, o que pode influenciar a forma como vivenciam a ausência do pai, dado que as raparigas tendem a demonstrar maior necessidade de suporte emocional. Os rapazes, embora em menor número, também se encontram expostos a desafios específicos, especialmente na procura de modelos de referência masculina.

Quanto ao tempo de residência no Bairro Floresta A, a maior parte dos adolescentes vive no local há vários anos, o que indica uma forte ligação ao contexto comunitário. Esta estabilidade pode facilitar a criação de redes de apoio, mas também pode expor os jovens a ambientes onde a ausência paterna é comum e socialmente normalizada. Ainda que alguns participantes não tenham informado o tempo de residência, os dados disponíveis permitem observar que a maioria cresceu no mesmo bairro, influenciando as suas vivências e percepções sobre a estrutura familiar.

### 5.2. Efeitos Psicossociais da Ausência Paternal

A análise das entrevistas realizadas com os adolescentes revela um conjunto de efeitos psicossociais significativos resultantes da ausência da figura paterna, confirmando o que a literatura especializada aponta como consequências frequentes neste tipo de configuração familiar. De acordo com Bowlby (1989: 80), a presença estável de figuras de apego é essencial para o desenvolvimento emocional seguro da criança e do adolescente. A ausência do pai, conforme observado na maioria dos casos estudados, compromete esse processo, conduzindo a vínculos inseguros, sentimento de abandono e défices no desenvolvimento socioemocional.

A maioria dos adolescentes entrevistados (A1, A2, A3, A4, A5, A6 e A8) relatou relações paternas marcadas pela ausência total, negligência, conflitos ou até agressividade, evidenciando uma clara carência de suporte emocional por parte da figura paterna. Esta realidade corrobora os apontamentos de Belsky (1999:106), para quem o desinvestimento

emocional dos pais tende a provocar baixa autoestima, sentimentos de rejeição e dificuldades de ajustamento social nas crianças. No caso dos adolescentes A9 e A10, a relação com o pai é descrita como distante e superficial, caracterizada por contactos esporádicos e pouco afectuosos, o que indica uma presença paterna simbólica mas insuficiente para promover vínculos afectivos estáveis. Este tipo de relação frágil é também apontado por Lamb (2004:32) como factor de risco para o desenvolvimento de insegurança emocional e sentimentos de orfandade afectiva.

Por outro lado, o caso do adolescente A7 evidencia uma vivência ambivalente. Apesar de descrever episódios de afecto e proximidade com o pai, refere igualmente conflitos e instabilidade, o que reflecte uma ligação emocional insegura, alternando entre momentos de aproximação e afastamento. Tal instabilidade relacional é referida por Bronfenbrenner (1996: 140) como um factor que pode provocar perturbações no equilíbrio emocional do adolescente, dificultando a consolidação da identidade.

De forma singular, o adolescente A8 interpreta a ausência do pai como positiva, referindo que, após a saída definitiva da figura paterna, passou a viver num ambiente mais tranquilo e emocionalmente estável. Este testemunho é particularmente relevante, pois mostra que, em contextos onde a presença do pai é marcada por violência ou tensão constante, a sua ausência pode, paradoxalmente, favorecer o bem-estar emocional do adolescente. Esta ideia está de acordo com a perspectiva de Cyrulnik (2001:77), que defende que o afastamento de figuras tóxicas pode criar espaço para a resiliência e para a reconstrução emocional em ambientes mais saudáveis.

As mães entrevistadas reforçam este panorama. M1 referiu com preocupação as dificuldades emocionais vividas pelos filhos após o abandono paterno, nomeadamente a sensação de vazio e de desamparo, bem como os esforços solitários que teve de empreender para suprir essa lacuna. Já M2, com uma visão mais comunitária, enfatizou que o sofrimento das crianças é acentuado pela ausência de apoio institucional e estrutural, reforçando a ideia de que a ausência paterna tende a sobrecarregar as mães e a limitar os recursos disponíveis para uma educação integral. Estas observações convergem com os relatos dos adolescentes, indicando que a falta da figura paterna tem efeitos profundos tanto a nível emocional como no equilíbrio do ambiente familiar.

A secretária do bairro, por sua vez, destacou a importância da honestidade na comunicação com as crianças acerca da ausência do pai, desaconselhando a criação de

narrativas negativas que possam agravar os conflitos internos dos adolescentes. A sua visão é compatível com o que afirmam autores como Gomes (2016:122), ao sublinhar que a forma como a ausência paterna é explicada e vivida pelas figuras cuidadoras influencia directamente o modo como os adolescentes interpretam a sua história familiar e desenvolvem a sua identidade.

Em termos de relações interpessoais, a ausência paterna revelou-se, para a maioria dos adolescentes (A1, A2, A3, A4, A6, A9 e A10), como um factor que dificulta a construção de laços afectivos sólidos. Os jovens referiram sentimentos de desconfiança, distanciamento e dificuldades de partilha emocional, confirmando a teoria de Erikson (1968: 160), segundo a qual experiências precoces de rejeição ou negligência interferem negativamente na capacidade de estabelecer relações saudáveis durante a adolescência. Apenas A8 refere melhoria nas suas interações sociais após a separação dos pais, reforçando a hipótese de que, em alguns casos, a ausência da figura paterna pode permitir a recuperação de um ambiente relacional mais funcional.

Desta forma, é possível concluir que a ausência paterna tem, na maioria dos casos analisados, efeitos psicossociais negativos, afectando a estabilidade emocional, a autoestima e as competências relacionais dos adolescentes. Estes efeitos são agravados quando a ausência se combina com falta de apoio da comunidade e com estruturas familiares fragilizadas. No entanto, os dados também mostram que, em determinados contextos, a ausência pode representar uma oportunidade para reconstrução emocional, desde que existam figuras substitutivas presentes e afectivamente disponíveis, como mães, avós, tios ou padrastos, tal como evidenciado tanto nos discursos dos adolescentes quanto das mães entrevistadas.

### **5.3. Estratégias de Enfrentamento dos Adolescentes**

A ausência da figura paterna, embora constitua um desafio emocional significativo, é enfrentada de formas distintas pelos adolescentes entrevistados, o que confirma a complexidade das trajetórias individuais no processo de ajustamento psicológico e social. Segundo Lazarus e Folkman (1984:150), os mecanismos de coping representam estratégias cognitivas e comportamentais utilizadas pelos indivíduos para gerir situações de stresse, sendo estas influenciadas por variáveis como o contexto familiar, o apoio social e os recursos internos de cada adolescente.

Os adolescentes A1, A2, A9 e A10 demonstraram recorrer a estratégias de autocuidado e regulação emocional, através de práticas como ouvir música, frequentar a igreja e praticar desporto. Estas actividades podem ser vistas como formas saudáveis de enfrentamento,

permitindo a canalização das emoções negativas e o reforço do equilíbrio interno. Estas estratégias estão alinhadas com o conceito de coping adaptativo, defendido por Lazarus e Folkman, que enfatiza a capacidade de encontrar respostas funcionais às adversidades, promovendo a resiliência emocional. O apoio da comunidade religiosa, por exemplo, pode funcionar como um espaço de pertença e segurança emocional, elemento destacado também pela secretária do bairro, que reconheceu o papel do diálogo aberto e da afectividade no suporte aos adolescentes.

Já os adolescentes A3, A4 e A6 adoptam uma postura de supressão emocional e negação da importância da figura paterna, o que, conforme alertado por Bowlby (1989:80), pode dificultar o processamento emocional da perda ou da ausência e comprometer o desenvolvimento da identidade. A repressão dos sentimentos pode gerar efeitos cumulativos a longo prazo, como dificuldades de vinculação, baixa autoestima e instabilidade emocional. Estas estratégias de defesa emocional revelam uma tentativa de autoprotecção, mas podem também constituir um sinal de sofrimento não verbalizado.

No caso dos adolescentes A5 e A7, verifica-se a adopção de estratégias de reaproximação, através de tentativas activas de contacto com o pai. Esta atitude demonstra o desejo de recuperar o vínculo afectivo e reconstruir a relação perdida, o que pode ser interpretado como uma manifestação de esperança e de necessidade de reconhecimento paternal. Contudo, conforme demonstrado no relato de M1, muitas dessas tentativas não encontram resposta positiva, prolongando o sentimento de rejeição e frustração. M1 relatou, inclusive, que mesmo em momentos em que havia recursos financeiros, o pai dos seus filhos não demonstrava qualquer interesse em apoiar ou contactar os mesmos, evidenciando a dificuldade que algumas mães e filhos enfrentam para reintegrar a figura paterna na dinâmica familiar.

O adolescente A8 oferece um exemplo singular e valioso do processo de resignificação da ausência. Para ele, a saída definitiva do pai representou uma libertação emocional e uma melhoria nas condições afectivas do ambiente familiar. Esta visão vai ao encontro da teoria de Cyrulnik (2001:77), que defende que a resiliência pode emergir em contextos adversos, especialmente quando a ausência se traduz num alívio do sofrimento causado por uma convivência conflituosa ou instável. Este testemunho também se articula com a observação da secretária do bairro, que sublinhou a importância de se evitar narrativas negativas que perpetuem o sofrimento, promovendo antes uma compreensão honesta e realista da ausência.

Quanto ao apoio emocional disponível, os relatos revelam a existência de redes afectivas alternativas que assumem papel compensatório. Os adolescentes A1, A2, A3, A4, A6 e A7 referiram a presença de suporte, ainda que de forma vaga. Já os adolescentes A5, A8, A9 e A10 identificaram claramente figuras de apoio como a mãe, o tio, a avó e amigos, que contribuem de forma significativa para o seu bem-estar emocional. Esta realidade confirma a importância das figuras substitutivas na construção de um ambiente afectivamente estável, como defendido por Belsky (1999:106), ao destacar que, na ausência de um dos progenitores, a presença de outros cuidadores disponíveis e afectivos pode minimizar os impactos negativos no desenvolvimento emocional e social. Também as mães entrevistadas, sobretudo M1, enfatizaram a importância da rede familiar no apoio aos filhos, nomeadamente através da ajuda dos avós e irmãos, ainda que este suporte, como referiu M2, nem sempre seja suficiente ou sistemático. A ausência de programas de apoio social mais estruturados, como indicado tanto pelas mães como pela secretária do bairro, limita as possibilidades de resposta efectiva aos desafios impostos por estas configurações familiares.

#### **5.4. Papel do Ambiente Familiar e Comunitário**

A análise das percepções dos adolescentes em relação ao papel da família e da comunidade no seu desenvolvimento emocional e social evidencia a relevância das redes de apoio afectivo como factores de protecção diante da ausência paterna. De acordo com Bronfenbrenner (1996:38), o desenvolvimento humano ocorre a partir das interacções entre os diferentes sistemas que compõem o ambiente do indivíduo, sendo a família e a comunidade contextos fundamentais no apoio à criança e ao adolescente.

Os testemunhos dos adolescentes A1, A3, A4, A6 e A7 demonstram que, ainda que de forma genérica, estes reconhecem que a presença familiar e comunitária exerce influência positiva nas suas vidas. Embora não tenham identificado figuras específicas, valorizam a existência de suporte emocional, acolhimento e segurança. Esta percepção está em consonância com as ideias de Belsky (1999:106), que sublinha a importância da presença de cuidadores afectivos e estáveis no ambiente imediato da criança para compensar eventuais carências parentais e promover um desenvolvimento saudável.

O adolescente A2, por outro lado, adoptou uma visão mais centrada em si próprio, atribuindo a sua estabilidade emocional a uma capacidade pessoal de adaptação. Esta resposta revela autonomia emocional, mas pode também indicar uma tendência para minimizar ou não

reconhecer explicitamente os apoios recebidos, o que, segundo Bowlby (1989: 83), pode estar associado a mecanismos de defesa desenvolvidos em contextos de insegurança afectiva.

Nos relatos dos adolescentes A5, A8, A9 e A10, observa-se uma identificação clara de figuras familiares como fontes principais de apoio: mães, tios, avós. Estes adolescentes também atribuem à comunidade um papel activo na sua formação, mencionando actividades sociais, ambientes acolhedores ou relações interpessoais que contribuem para o seu bem-estar emocional. Esta visão é sustentada por autores como Cyrulnik (2001:75), que defendem que a resiliência, ou seja, a capacidade de enfrentar adversidades, se desenvolve através da interacção com ambientes protectores que proporcionam vínculos afectivos seguros e oportunidades de desenvolvimento positivo.

A função compensatória da rede familiar e comunitária é também referida pelas mães entrevistadas. M1 destacou o papel do pai e da irmã como principais suportes no cuidado dos filhos, enquanto M2 reconheceu que, apesar da escassez de apoio comunitário estruturado, a solidariedade entre os membros mais próximos pode aliviar parte da carga emocional e económica causada pela ausência paterna. Ainda assim, como sublinhado por M2 e reforçado pela secretária do bairro, o envolvimento comunitário mais amplo é, muitas vezes, limitado, revelando a necessidade de políticas de proximidade que fortaleçam os laços sociais e identifiquem precocemente as famílias mais vulneráveis.

No que diz respeito às figuras substitutivas da função paterna, os adolescentes A1 a A7 referiram a presença de familiares próximos como mães, tios, avós ou padrastos que desempenham papéis centrais na orientação, afecto e educação. Já os adolescentes A8, A9 e A10 apresentaram uma identificação directa com figuras de referência afectiva: a mãe como base emocional, a avó como presença constante e o tio como figura masculina de orientação e companhia. Estes testemunhos reforçam a perspectiva de Rutter (2002: 59), segundo a qual a ausência de uma figura parental pode ser mitigada pela qualidade das relações estabelecidas com outros adultos significativos.

Do ponto de vista psicossocial, a existência dessas figuras substitutivas favorece a construção da autoestima, da identidade e do sentido de pertença dos adolescentes. A estabilidade e a afectividade proporcionadas por estas pessoas permitem, como demonstrado por vários autores, o desenvolvimento de competências emocionais e sociais fundamentais, como a empatia, a confiança e a capacidade de estabelecer relações saudáveis com os outros.

De forma geral, os resultados obtidos evidenciam que, apesar das dificuldades inerentes à ausência da figura paterna, os adolescentes encontram, na estrutura familiar alargada e no tecido comunitário, recursos significativos para o seu desenvolvimento. Estas redes funcionam como pilares emocionais e sociais, permitindo que os jovens enfrentem os desafios da sua trajetória com maior segurança afectiva e capacidade de adaptação. Como conclui Cyrulnik (2001:81), “quando a dor é acolhida por mãos seguras, ela transforma-se em aprendizagem e força”.

# CAPÍTULO VI

## 6. Conclusão

### 6.1. Conclusões

O presente estudo, intitulado *Impacto da Ausência Parental no Desenvolvimento Psicossocial de Adolescentes de 12 a 19 anos de Idade no 4º Trimestre e 1º Semestre de 2025, na cidade de Quelimane, Zambézia*, teve como objectivo geral analisar os efeitos da ausência da figura paterna no desenvolvimento psicossocial de adolescentes residentes neste bairro. Através da realização de entrevistas com adolescentes, mães e uma representante comunitária, foi possível alcançar os objectivos propostos e traçar um quadro compreensivo da realidade vivida por estes jovens.

Identificaram-se diversos desafios psicossociais enfrentados pelos adolescentes decorrentes da ausência paterna. Os dados revelaram sentimentos de tristeza, abandono, solidão, revolta, vazio emocional e baixa autoestima, comprometendo significativamente o bem-estar emocional e a qualidade das relações interpessoais. A ausência paterna mostrou-se um factor gerador de instabilidade afectiva e insegurança, dificultando a construção de vínculos seguros e a definição da identidade pessoal e social.

Constatou-se que os adolescentes adoptam diferentes estratégias de superação, variando entre o autocuidado, a negação, a tentativa de reaproximação e a ressignificação da ausência. Alguns procuraram apoio espiritual (frequentando a igreja), actividades desportivas (futebol), música (RAP) e relações afectivas alternativas como formas de regulação emocional. Outros, no entanto, revelaram dificuldades em integrar emocionalmente a ausência do pai, recorrendo à supressão ou à negação dos sentimentos. Houve ainda casos em que a ausência foi interpretada como uma libertação, particularmente quando a convivência anterior era marcada por conflitos.

Verificou-se que tanto a família alargada como a comunidade desempenham um papel fundamental na mitigação dos efeitos negativos da ausência paterna. Mães, avós, tios e padrastos surgem como figuras substitutivas que oferecem apoio afectivo, orientação, estabilidade emocional e segurança material. A comunidade, ainda que de forma limitada, contribui com espaços de convivência e interacção social que reforçam a sensação de pertença e favorecem o desenvolvimento de competências sociais. A presença destas redes de suporte revelou-se crucial para a resiliência dos adolescentes e para o seu ajustamento psicossocial.

## 6.2. Sugestões

Com base nos dados recolhidos e nas conclusões alcançadas, apresentam-se a seguir algumas sugestões que visam contribuir para a melhoria do bem-estar psicossocial dos adolescentes em situação de ausência paternal:

- **Reforço dos serviços de apoio psicológico e psicossocial nas comunidades:** Sugere-se a implementação de programas de acompanhamento psicológico destinados a adolescentes em situação de vulnerabilidade emocional, com enfoque na ausência parental. Sessões de aconselhamento individual e em grupo podem favorecer a expressão emocional, prevenir quadros de ansiedade e depressão, e promover a auto-estima e o desenvolvimento saudável.
- **Valorização e capacitação das figuras familiares substitutivas:** Recomenda-se que as instituições sociais e comunitárias reconheçam e apoiem o papel de mães, avós, tios e outros membros da família que assumem funções parentais. A oferta de formações e espaços de partilha de experiências poderá fortalecer estas figuras na sua função afectiva e educativa.
- **Promoção de actividades extracurriculares e ocupacionais para os adolescentes:** Sugere-se o incentivo à participação em actividades lúdicas, culturais, desportivas e espirituais (como música, futebol, grupos juvenis e participação religiosa), as quais demonstraram ser estratégias positivas de regulação emocional e de construção de identidade nos adolescentes entrevistados.
- **Fortalecimento dos laços comunitários e dos espaços de convivência social:** É importante desenvolver iniciativas que envolvam a comunidade local na criação de espaços seguros e acolhedores, onde os adolescentes possam estabelecer vínculos afectivos saudáveis e encontrar apoio fora do núcleo familiar. A promoção de eventos comunitários, actividades educativas e fóruns de diálogo intergeracional pode contribuir significativamente para isso.
- **Sensibilização da sociedade para o papel da paternidade responsável:** Recomenda-se a realização de campanhas educativas e acções de sensibilização dirigidas à comunidade em geral, com o intuito de reforçar a importância da presença activa do pai no desenvolvimento integral dos filhos, bem como estimular a responsabilização masculina nas relações parentais.

- Articulação entre instituições sociais, escolas e autoridades locais: Propõe-se uma maior articulação entre os serviços de acção social, escolas, organizações comunitárias e autoridades locais, de forma a identificar precocemente os adolescentes em risco e garantir intervenções integradas e eficazes que atendam às necessidades emocionais e sociais destes jovens.

## Referências Bibliográficas

- Almeida, M. (2019). *A Mulher como Pilar da Família: Impactos da Parentalidade Monoparental*. Lisboa: Editorial Presença.
- Arena, S. S. (2017). *Crescimento e desenvolvimento com qualidade de vida*. Phorte Editora Ltda.
- Araújo, S. M. B. (2005). A ausência da função paternal no contexto da violência juvenil. *Simpósio Internacional do Adolescente*. São Paulo. Retirado de [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttextepid=MSC00000000820050002000](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextepid=MSC00000000820050002000).
- Avezani, A. C. F., Galindo, T., e Da Silva, B. P. (2022). *Saberes e práticas da enfermagem na adolescência*. Enfermagem em saúde mental.
- Barbieri, V., e Pavelqueires, J. G. (2012). Personalidade paternal como factor prognóstico no tratamento da tendência antissocial. *Paidéia*.
- Belei, R. A., e Pascoal. (2008). O uso de entrevista, observação e vídeo gravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*. Brasil.
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paternal para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttextepid=s0103-84862011000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttextepid=s0103-84862011000100007).
- Bowlby, J. (1984). *Apego e perda: A natureza do vínculo*. Lisboa: Martins Fontes.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Coslin, P. G. (2009). *Psicologia do adolescente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Costa, L., e Ribeiro, J. (2021). *Adolescência e Identidade: Desafios na Ausência Parental*. Lisboa: Editorial Presença.
- Costa, M., e Almeida, F. (2020). *Famílias em Transformação: Novas Configurações Parentais no Século XXI*. Lisboa: Plátano Editora.
- Dias, I., e Cardoso, V. (2021). *Perdas na Infância e na Adolescência: Impactos e Estratégias de Enfrentamento*. Porto: Livraria Escolar Editora.

- Eizirik, M., e Bergmann, D. S. (2004). Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 26(3), 330-336. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/VL5NfS6HGGr99Z9td3374FM/?lang=pt>.
- Erikson, E. H. (1998). *O ciclo de vida completo: uma revisão*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Felzenszwalb, M. (2003). *Partenogênese: Os efeitos da exclusão do pai no desenvolvimento da personalidade e na dinâmica familiar*. Tese de Doutorado, Universidade do Rio de Janeiro.
- Ferreira, A., e Mendes, T. (2020). *Famílias em Mudança: Impactos Psicológicos da Ausência Paterna*. Coimbra: Almedina.
- Ferreira, T. J. (2019). *Dinâmicas Familiares e Exclusão Social*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fontelle, M., Simões, M. G., Farias, S. H., e Fontelles, R. G. S. (2009). *Metodologia da Pesquisa Científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa*. Brasil.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Góis, P. (2018). *Migrações e Transformações Familiares: Um Estudo sobre o Contexto Moçambicano*. Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos.
- Lamb, M. E. (2004). *The role of the father in child development* (4.ª ed.). Hoboken: Wiley.
- Lopes, V. (2018). *Paternidade, Laços e Afectos: Um Estudo sobre Vínculos Familiares*. Porto: Edições Afrontamento.
- Marconi, M. d., e Lakatos, E. M. (2009). *Fundamentos de metodologia científica* (5ª ed.). São Paulo, Brasil: Atlas.
- Marques, C., e Pinto, A. (2020). *Pais Separados, Filhos Ligados: Práticas Parentais Após a Ruptura*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Mason, C. A., Cauce, A. M., Gonzales, N., e Hiraga, Y. (1994). Adolescent problem behavior: the effect of peers and the moderating role of father absence and the mother-child relationship. *American Journal of Community Psychology*.
- Matavele, M. (2019). *Responsabilidade Paterna em Contextos Urbanos de Moçambique*. Maputo: CIEDIMA.

- Moreira, D. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Muza, G. M. (1998). Da proteção generosa à vítima do vazio. In P. Silveira (Ed.), *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nhampossa, J. (2020). *Factores de Rendimento Escolar em Contextos de Vulnerabilidade*. Maputo: Universidade Pedagógica.
- Oliveira, R. (2017). *Educação e Família: O Papel da Paternidade no Desenvolvimento dos Filhos*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pereira, S. (2020). *Desafios das Famílias Monoparentais em Contextos de Vulnerabilidade*. Maputo: Livraria Universitária.
- Prodanov, C. C., e Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale.
- Ribeiro, S. (2011). Percepção da pressão de pares na tomada de decisão dos adolescentes.
- Rocha, I. O., e Diniz, G. R. S. (2018). O saber psicológico e a adolescência: a necessidade em considerar interseccionalidades. In J. Del Globo (Ed.), *A Psicologia - Frente ao contexto contemporâneo*. Ponta Grossa: Atena Editora.
- Rodrigues, K., Simões, S., e Almeida, A. (s/d). *A Ausência da Figura Paternal e sua Repercussão no Desenvolvimento Comportamental e Aspectos Cognitivos*.
- Santos, J. (2019). *Políticas Públicas para o Apoio à Parentalidade em Famílias Vulneráveis*. Lisboa: Caleidoscópio Editora.
- Santos, M. (2019). *Crescer sem Pai: Um Olhar Psicossocial sobre a Adolescência*. Braga: Livros Horizonte.
- Saumure, K., e Given, L. (2008). *The sage encyclopedia of qualitative research methods*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications Ltd.
- Setton, M., e Pazinato, P. (2002). Um estudo da paternidade: aproximação entre a abordagem fenomenológica existencial e a abordagem relacional sistêmica. *Boletim de Iniciação Científica em Psicologia*.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico* (23ª ed.). São Paulo: Cortez.

- Sganzerla, I. M., e Levandowski, D. C. (2010). Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. *Psicologia em Revista*, 16 (2), 295-309.
- Silva, E. L., e Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Dissertação* (4ª ed.). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Silva, J. (2010). A paternidade e o desenvolvimento infantil. *Revista de Psicologia e Sociedade*, 15 (3), 45-56.
- Silva, R. A. (2021). *A Figura Paterna e o Desenvolvimento Emocional da Criança*. Coimbra: Almedina.
- Silva, T. (2019). *Juventude em Risco: Delinquência e Fatores Familiares*. Lisboa: Texto Editores.
- Silva, T., e Costa, M. (2018). *O Impacto da Ausência Paterna nas Comunidades Urbanas*. Porto: Universidade do Porto Editora.
- Strauch, F. (2013). *Do pai no texto freudiano ao pai da contemporaneidade: um estudo teórico*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro.
- UNICEF. (2020). *The State of the World's Children 2020: Children, Food and Nutrition*. New York: United Nations Children's Fund.
- Warpechowski, A., e Mosmann, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: Sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*.
- Yin, R. K. (2014). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (5ª ed.). Porto Alegre: Bookman.

# **Apêndices**

## Apêndice A: Guia de Entrevista para adolescentes

Primeiramente, gostaria de expressar minha sincera gratidão por dedicar seu tempo para participar desta entrevista.

O presente instrumento faz parte do estudo que pretende analisar como a ausência do pai impacta o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes residentes no Bairro Floresta A. Suas respostas são confidenciais e serão utilizadas apenas para fins de pesquisa. Agradecemos sua participação e contribuição para o avanço do conhecimento nesta área.

### SECÇÃO A: INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS

Idade: \_\_\_\_\_ (anos)

Gênero: \_\_\_\_\_

Tempo de Residência no Bairro Floresta A: \_\_\_\_\_

### SECÇÃO B: EFEITOS PSICOSSOCIAIS DA AUSÊNCIA PATERNAL

1. Como descreveria sua relação com seu pai?

---

---

---

---

2. Em que medida seu pai está presente em sua vida diária?

---

---

---

---

3. Como acha que a ausência do seu pai afectou você emocionalmente?

---

---

---

---

4. Como percebe que a ausência do seu pai influencia seus relacionamentos com outras pessoas?

---

---

---

---

SECÇÃO C: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DOS ADOLESCENTES

5. Quais estratégias utiliza para lidar com a ausência do seu pai?

---

---

---

---

6. Sente que tem um sistema de apoio adequado para lidar com os desafios associados à ausência do seu pai? Se sim, como esse apoio é importante para você?

---

---

---

---

SECÇÃO D: PAPEL DO AMBIENTE FAMILIAR E COMUNITÁRIO

7. Como vê o papel da família e da comunidade no seu desenvolvimento emocional e social, especialmente na ausência do seu pai?

---

---

---

---

8. Há alguém na família ou na comunidade que tenha desempenhado um papel significativo para você na ausência do seu pai? Como?

---

---

---

---

## Apêndice A: Entrevista oral

<b>Grupo de Entrevistados</b>	<b>Perguntas</b>
<b>Chefes de dez casas</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Que problemas os adolescentes aqui no bairro enfrentam quando o pai não está presente?</li><li>2. A comunidade faz alguma coisa para ajudar esses adolescentes? Como?</li><li>3. O que acha que podia ser feito para diminuir os efeitos da falta do pai na vida desses jovens?</li></ol>
<b>Mães sem maridos presentes</b>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Que dificuldades os seus filhos têm por crescerem sem o pai por perto?</li><li>2. Como tenta ajudar os seus filhos a lidar com a falta do pai?</li><li>3. Acha que a família e a comunidade dão apoio suficiente para os seus filhos? Como é esse apoio?</li></ol>

# **Anexos**

## **Glossário**

**Apego** – Vínculo emocional profundo e duradouro estabelecido entre a criança e as figuras parentais ou cuidadoras, fundamental para o desenvolvimento da segurança emocional e das relações interpessoais futuras.

**Ausência Paternal** – Situação em que o pai está física, emocional ou funcionalmente ausente da vida do(a) filho(a), podendo decorrer de fatores como separação conjugal, abandono, falecimento, migração laboral, ou desinteresse parental.

**Bem-estar Psicossocial** – Estado de equilíbrio emocional e social de um indivíduo, refletido na sua capacidade de lidar com as exigências da vida, manter relações saudáveis e participar activamente na sociedade.

**Comportamento Antissocial** – Conjunto de atitudes e ações que violam normas sociais e os direitos dos outros, podendo manifestar-se através de agressividade, delinquência ou desrespeito pela autoridade.

**Desenvolvimento Cognitivo** – Processo de aquisição e consolidação de capacidades intelectuais como atenção, memória, raciocínio, linguagem e resolução de problemas, essencial para a aprendizagem e adaptação ao meio.

**Desenvolvimento Emocional** – Evolução das capacidades de reconhecer, expressar e gerir emoções, bem como de estabelecer vínculos afectivos seguros ao longo das diferentes etapas da vida.

**Estrutura Familiar** – Organização e composição de uma família, incluindo o número de membros, as relações entre eles e os papéis que desempenham (por exemplo, família nuclear, monoparental, alargada, entre outras).

**Função Paterna** – Conjunto de papéis desempenhados pelo pai ou figura paterna, que envolvem o cuidado, proteção, autoridade, orientação moral e afectiva no desenvolvimento dos(as) filhos(as).

**Identidade** – Conjunto de características que definem o indivíduo enquanto pessoa única, incluindo aspectos como a autoimagem, valores, crenças, pertença cultural e papéis sociais.

**Monoparentalidade** – Configuração familiar em que apenas um dos progenitores (normalmente a mãe) assume a responsabilidade pela criação dos filhos, podendo resultar da separação, divórcio, viuvez ou abandono.

**Papel Social** – Conjunto de expectativas comportamentais associadas a uma determinada posição ou função social (como o papel de pai, mãe, estudante, trabalhador, etc.).

**Paternidade Responsável** – Exercício consciente, activo e afectivo da função de pai, traduzido em presença, apoio emocional, educação e acompanhamento do desenvolvimento integral dos filhos.

**Psicossocial** – Relativo à interação entre factores psicológicos (internos ao indivíduo) e sociais (externos), que influenciam o comportamento, as emoções e o desenvolvimento humano.

**Vulnerabilidade Social** – Condição em que os indivíduos ou grupos se encontram expostos a riscos sociais, económicos e culturais que limitam a sua capacidade de satisfazer necessidades básicas e exercer direitos fundamentais.